

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES





*Cana Imperial*



ao café



um copo



Se ao café nada o iguala no seu precioso aroma e paladar, se, ao cam'agua uustificad'o, antes, ou ap'os as refeições, e um excelente digestivo, incorporavel' Succedâneo de Whisky e, ao verdo um f'olho refrigerante, especialmente quando beneficiado pelo frio. Quando um produto da mais alta categoria, pode hoje ser servido quasi' ao prep'o das grandes viagens. Mas se e não satisfazer a'Velha' ou a 'Extra-Velha', peço a 'Grande-festare' e fará fructo o produto mais delicado que jamais se lhe deparou. Pedir uma CANA IMPERIAL, e dar uma nota do mais requizitado distincão

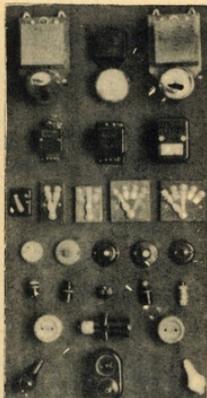
Distribuidores Aguem-Mondego

**J. SALLES CALDEIRA' L. DA**

RUA ALVES CORREIA, 100 — LISBOA — Telefona 2 8753

**A ELECTROTÉCNICA  
BATISTA, SANTOS & C.A, L. DA**

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



O MAIS MODERNO E VARIADO SORTIDO DE ARTIGOS E MATERIAL ELÉCTRICO PARA USO INDUSTRIAL E PARTICULAR.



LINDOS CÂNDEEIROS DE TETO E DE MESA



ARTIGOS DE T. S. T.

NA NOVA SÉDE DA REPUTADA FIRMA

**A ELECTROTÉCNICA  
BATISTA, SANTOS & C.A, L. DA.**

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO ARMAZENS E OFICINAS  
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa Rua da Glória, 6



*Diplom. Cosmetólogo  
Húngaro*

**MARTIN ARANY**

Atelier e depósito:

**INSTITUTO VITORIA, L.ª**

Rua do Ouro, 170, 1.ª ~ Telef. 22072 ~ Lisboa

**A BELEZA**  
é a riqueza!  
**A BELEZA**  
é o poder!  
**A BELEZA**  
dos músculos da cara e a elasticidade da pele, são conservadas pelas vibrações-manuais da massagem do artista!  
**A BELEZA**  
da pele contém os tratamentos especiais e os preparados qualificados e individuais do especialista!

**ARTIGOS PARA SENHORA EM FINOS TECIDOS**



*Romest - Georgette  
Seda Male  
Seda Venezia  
Artigos em Malha  
de seda*

**PADRÕES ULTRA-MODERNOS — OS MAIS LINDOS**

VISITEM A

**CASA**

*Xarel*

**A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA**

# PORQUE NÃO SE PRESTA A MERCIDA HOMENAGEM A JOÃO DO RIO?



## UM ROMANCE DE MANUELA DE AZEVEDO

NESTE findar de época literária, a par de alguns nomes consagrados, surge-nos um novo livro de ficção e uma nova prosadora: Manuela de Azevedo, um nome já conhecido no jornalismo, pois é profissional — talvez a única profissional entre nós — que subscrive um romance de título picante, ou seja «Um Anjo quasi Demónio».

Trata-se de um romance pequeno em número de páginas, mas de inassalável interesse, escrito com subtilza e pensado em profundidade. Por isso mesmo, pode não valer como romance de acção e de êrredo mas, com certeza, interessa como elemento construtivo e de análise. Zélia Maria — a Zélinha protagonista — a mãe, o Elizinho, o «China» são figuras recortadas com sinceridade e enquadradas nos cenários de Viseu e de Lamego. E, se existem, em «Um Anjo quasi Demónio» é porque têm uma função social a desempenhar: a rapariga rebelde que não quer seguir a vida monástica, para se lançar em algumas experiências falhadas de amor, a análise do ambiente escolar, a educação caseira, a vida e morte das lútuas de uma ingénua menina, galvanizada pelo tentáculo da vida — tudo isso que constitue o drama da adolescência, ainda sem um estudo atento entre nós, até à altura em que surge este livro, precedido de perto pelos estudos romancescos do autor de «Jerônimo Valverde».

Como o professor Vilhena, também Manuela de Azevedo nos sabe dar o ambiente dos internatos, com todas as suas pequenas intrigas, todas as pequenas maldades dos anjos quasi demónios e as imponderáveis reacções psicológicas da alma feminina a desabrochar. Deste ambiente, porém, deve dizer-se, não resulta um livro «branco»: há ali devaneios de amor vivo, reacções morais e psicológicas que o colocam mais perto dos romances realistas, embora sem a falta uma certa dose de poesia — pois é poetisa e autora do volume de versos «Claridade», quem subscryve agora «Um Anjo quasi Demónio».

Numa carta dirigida a Mestre Aquilino Ribeiro, Manuela de Azevedo, que escreve num estilo ligeiro a que não falta, por vezes, ironia subtil, apresenta o seu ponto de vista, diante do panorama actual das letras portuguesas. A edição, muito simples e sóbria, é da Parceria António Maria Pereira e traz uma capa, sugestiva, também de Manuela de Azevedo.

**P**ASSOU há pouco mais um ano sobre a morte de João do Rio — o nome desse brasileiro illustre que foi Paulo Barreto. Portugal ficou a dever-lhe e deve-lhe, ainda, muito do seu prestígio, da sua consideração, dos bens espirituais que hoje disfruta, enuasiasticamente, na grande nação sul-americana que é o Brasil.

Sobre a sua vida, porém, os homens do nosso tempo qual se calaram com a pedra sepulcral que definitivamente caiu sobre a sua sepultura.

Ingratidão? Desatenção ou desleito?

Não importa aprofundar as verdadeiras causas que moveram esse silêncio. Basta que os portugueses e os admiramos que só João de Barros, com o seu lídico carácter e a sua sensibilidade de poeta enamorado de quanto diz respeito ao Brasil se lembrasse de vir junto do público lançar sobre a memória do lúsdito e do amigo algumas belas flores de eucalipto.

Portugal deve a João do Rio inestimáveis favores de vida espiritual. E Portugal não expressou ainda a

memória desse homem quanto reconhece as dádivas recebidas. Existe, é certo, uma modesta caibada, ali para os lados do Bairro Alto, a que puseram o nome de João do Rio. Será essa homenagem a mais digna do alto valor intelectual do homenageado e estará em proporção com o valor da obra realizada pelo illustre homem de letras?

Cremos que nenhuma outra ocasião seria melhor que esta para lançar a idéia de oferecer à memória de João do Rio, um medalhão, uma alegoria, qualquer coisa que, reflectindo as nossas modestas posses, mostrasse, ao menos, que os portugueses sabem reconhecer nos outros as virtudes que também dias possuem: reciprocidade de amor, nesta «ente» luso-brasileira.

Não faltaria dinheiro, entusiastico, um artista para realizar a obra em mármore ou bronze — tudo quanto fosse indispensável para tornar efectiva esta ideia, em boa hora lançada na grande imprensa, por uma das mais autorizadas penas da nossa terra e um dos mais entusiasticos embaixadores dos valores brasileiros em Portugal.

## FESTAS COROADAS

**V**IA ontem, à Florinda, duas vezes rainha de beleza da Sociedade do meu bairro. Achei-a magra, os olhos pladissimos — e um ar de abandono que se reflectiu logo dos sapatos ao caracol da testa.

E, no entanto, parece-me que a estou a ver naquella celebre noite da sua coroadura. A sala da Sociedade regorgitava Ao fundo, no estrado, imponentes nas suas blusas vermelhos-douradas, os «Águas da Outra-Banda» tocavam, desafiadamente, o «sow» mais em voga. Mais de cinquenta pares comprimidos, esticados, alardeavam a sua alegria em meia dúzia de palmos de sobrado.

Havia expectativa. O presidente da direcção, o meu velho amigo Carlos Bacalhau — amistosamente nascida em duas esperas — em Vila-Franca — tinha até, nessa memorável noite, vestido as calças de castimirs e calçado os sapatos de polimento que, por sinal, lhe apertavam desalmadamente os pés.

Esperava-se que viessem de fora, além da representação official, videntes delegados das congéneres — oradores de fino espirito. Pelas paredes pendiam colchas, algumas emprestadas pelo comércio local. Rapariguinhas divertidas, de vestidos compridos, que delavam à mostra as clavículas magras, passavam a assistência rifas dum gordo coelho — que, depois, saiu à direcção. Todos os bancos estavam occupados. A família do Felismino, sócio fundador, ficara de pé, numa coxia, com o cheiro das íscas do bufete. Claro, o Felismino não se calou toda a noite; chamou, além de outros mimosos adjectivos, burros aos directores. Chegou a insultar o Carlos Bacalhau e a desafiá-lo para a rua.

Mas o pobre presidente não tinha

fumaças de valentão — embora ainda conserve, numa coxa, a cicatriz dum anedmo Senhor da Rocha — e o seu «sailla, sailla, sailla» meteu-se de permello e obrigou-o a fazer as pazes.

E de facto, fizeram, remetidos com dois côlces de bagaço.

A meia-noite, na maior animação, a rainha foi cileite, entido, viu-se que houve favoritismo.

A Florinda era engraçada. Já uns senhores da Tobias, ou o que é, tinham falado nela para um papel de responsabilidade, em que dizia «yes» duas vezes, vestida de Inglesa num barco na Estrela.

Além disso, no grupo cénico, Florinda fez a «Rosa Enfeitada» e o «Anjo de Maldades» com tanto poder de interpretação que o jornal do sítio, depois de ter citado Virginia, Angela e Lucinda — perguntava ao leitor «E esta Florinda, onde irá parar?».

Por tudo isto a insinuante pequena havia de vencer — como venceu.

Meteram-lhe na cabeça um formoso diadema de brilhantes... de capelista. O «Águas da Outra-Banda» tocaram o hino — e, passadas semanas, feita rainha e valiosa com per cento, Du Florinda a Bela, casou com o Alfredo, filho do Zé da Tenda. Engorou, fez-se mais lúdua.

Começou a detestar o bairro — e que três criadas, um cozinheiro francês e elevador na escada. Mas o Alfredo não podia.

Em um dia, disfarçadamente, embora toda a gente soubesse, Florinda fugiu com um estrangeiro de Alcobaca-sur-mer, deixando o marido desolado e triste; chamou, além de racionalmente, Passaram-se anos — e hoje que a vi achei-a mais magra, mais pobre — uma sadalade do que foi...

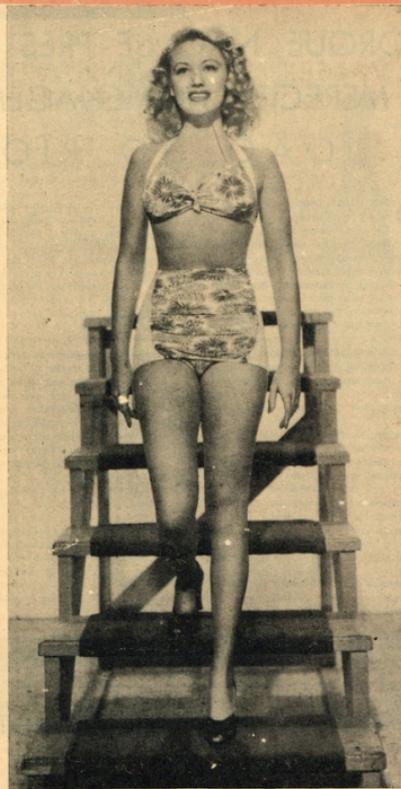
MANUEL MARTINHO



## O ACTO DE UM BENEMÉRITO

**O** público deu-se conta desse rico benemerito e altruista de Ricardo Covões: noventa mil escudos, dados de mão-cheia, para ampliar os melhoramentos dos Inválidos do Comércio. Numa época em que todos pareciam tão poucos para destruir os conceitos mais do egoismo gerador de miséria — Ricardo Covões vem mostrar com o seu gesto que todas as maldades humanas têm, afinal, um alicação por onde se salva a virtude...

Na foto, vemos o conhecido empresário, segundo um retrato antigo de Eduardo Malta.



## A HISTÓRIA DUMA LINDA RAPARIGA QUE VEIO PARA O CINEMA, APRENDER A DESCER ESCADAS...

**A** menina Lorraine Miller apresentou-se um dia nos estúdios para fazer cinema. Foi recebida por um dos assistentes da secção do *scasting*, que a mandou vestir um fato de banho e enfileirar ao lado de outras candidatas a figurantes do novo filme *«Ziegfeld Follies»*. A menina Lorraine foi escolhida entre as mais belas e as de plástica mais perfeita — o que demonstra haver ainda justiça sobre a terra. Interrogada sobre o que ambicionava ser no cinema, respondeu que gostaria de se afirmar como réplica loira de Bette Davis, artista que admirava entre todas.

Infelizmente, Hollywood ainda não pôde satisfazer os seus sonhos. Porque no filme em questão, Lorraine não pronuncia palavra e limita-se apenas a aparecer, em perturbadores conjuntos, enviergado aqueles complicadíssimos trajes de fantasia, de lã e plumas, que é de uso exibir em circunstâncias semelhantes.

Quando a menina Lorraine se preparava para decorar o seu papel, o homem do estúdio limitou-se a informá-la de que apenas pretendiam que ela subisse descer escadas, pois, segundo parece, ao longo do filme deverá descer, no total, mais degraus do que aqueles que terão três ou quatro dos mais altos arranha-céus.

Os ensaios começaram no dia seguinte. E Lorraine utilizou para o efeito a escada que a foto apresenta, cujos degraus forrados de uma fazenda escorregadia, constituem uma verdadeira prova de exame. A arte de descer escadas parece muito simples. Mas exige longa e custosa aprendizagem. É preciso pisar os degraus com elegância, manter o sorriso inalterável, tronco erguido, ombros direitos, braços à vontade, sem bambaleamentos de marinho embriagado, nem rigidez a sugerir o pau de vassoura engolido inadvertidamente.

Lorraine Miller veio para o cinema para descer escadas. Linda como os amores, nada mais lhe exigiram. Pergunta-se: qual era das nossas veletas *«in-heritas»* a que se sujeitava à situação, e se disporia a tão monótona aprendizagem?

Ponto isto, só há uma coisa que nos intrigou: Porque é que o ensaio é feito em traje de banho? Pela nossa parte, entendemos que se lhe não pode negar interesse visual, mas a verdade é que tecnicamente a circunstância não se explica lá muito bem.

## ÓSCAR DE LEMOS E ALBERTO RIBEIRO ESTÃO A INTERPRETAR, EM BARCELONA, "LUVA BRANCA"



Oscar de Lemos e José Jaspé, dois terríveis *«gangsters»* da quadrilha do *«Luva Branca»*

**D**EPOIS de *«Madalena*, zero em *«Compartamentos»*, de Inês de Castro» e de *«O Diabo são Elas»*, começou em Barcelona a realização de um novo filme hispano-português, como ali o intitulam. A colaboração nacional, desta vez, resume-se a dois artistas: Oscar de Lemos e Alberto Ribeiro. De *«Guante Branco»* (*Luva Branca*), far-se-ão duas versões, uma portuguesa e outra espanhola. O sr. Javier Maria Huelin, director de produção, declarou a propósito:

«Cremos que esta colaboração luso-espanhola é a mais lógica e imediata e quantas possa lançar mão a nossa cinematografia. Não só por razões morais de contiguidade geográfica e histórica, como ainda por motivos de ordem económica, tendo em conta que o possível mercado sul-americano de língua portuguesa ocupa um lugar importantíssimo.

Passando por alto as considerações que estes conceitos nos poderiam sugerir, dando de barato que a presença de dois actores portugueses permitia uma produção espa-

nhola de taxar-se de luso-castelhana, digamos que *«Luva Branca»* é uma paródia aos filmes de *«gangsters»* com o fito de *«ridicularizar»* aqueles que pensam ainda existir, nos nossos dias, e no país vizinho, bandoleiros de tipo lendário, organizados em tenebrosas quadrilhas». Ricardo Gascon, o realizador, fez a sua estreia nesta qualidade, depois de haver desempenhado nos estúdios quasi todos os cargos subalternos.

Ao tenor Alberto Ribeiro, o *«Luva Branca»*, cabe um papel de relévo. Foi escolhido tendo em vista as suas atuações na Companhia teatral de Celia Gamez. Oscar de Lemos é o *«Parabellum»*, e continua a ser, sobretudo depois da exibição de *«Aldeda da Roupa Branca»*, um dos artistas portugueses mais populares em Espanha.

O actor português Alberto Ribeiro e a artista espanhola Gema de Rito, em inquietantes personagens do *«Luva Branca»*...



**O** ciclismo ganha dia-a-dia novos novos adeptos. E, agora, que começam a animar-se as praias e o campo, é ver as raparigas da nossa terra a pedalar por essas estradas *«fora»*, em alegres e amenas excursões, mais ou menos turísticas. Marsha Hunt, que a nossa foto nos mostra, é também uma entusiasta destas proezas ciclo-desportivas. E de casa para o estúdio, prefere muitas vezes este meio de locomoção, à comodidade macia do seu *«roadster»* último modelo: *«A bicicleta é para a mulher — disse ela — um meio agradável e são de manter a linha e a flexibilidade dos movimentos»*.



**A** China heroica e mártir vai ressurgir num filme, «O Filho do Dragão», que é a versão da obra célebre de Pearl S. Buck, «Dragon Seeds». Intérprete principal Katherine Hepburn, que a gravura nos mostra numa caracterização assombrosa, ao lado de Tuhpan Bey. É a história emocionante duma mulher chinesa, educada na América, e que, de regresso à Pátria, procura vencer o atraso dos seus compatriotas, levando-lhes os ensinamentos preciosos da civilização ocidental. Filme de ambiente de guerra — a China luta há oito anos! — pode considerar-se, depois de «Terra Bendita», também de Pearl S. Buck, a primeira grande epopeia à glória desse povo indomável e invencível!

## BARRETO POEIRA

### VAI SER PROTAGONISTA DE UM NOVO FILME ESPANHOL

**O** êxito alcançado por Barreto Poeira, nos estúdios espanhóis, pode considerar-se verdadeiramente retumbante. Logo que interpretou as primeiras cenas de «O Diabo sei Elias», o grande artista português começou a ser disputado por várias firmas produtoras espanholas. Barreto Poeira, ligado ainda a compromissos fora da sua actividade cinematográfica, teve, porém, que regressar a Lisboa, a fim de dispor as suas coisas no sentido de ficar com ampla liberdade de consagrar-se à sua carreira de actor cinematográfico. Assim, recusou várias propostas tentadoras, para actuar em seguida ao filme de Ladislau Vajda, entre elas uma em Barcelona, com honrários verdadeiramente principescos!

Espanha, Barreto Poeira firmou um contrato para o principal papel de «El Centauro», argumento de Guzman Merino, primeiro prémio, entre outros, do Sindicato Nacional do Espectáculo, e que agora vai ser levado à tela pelo seu autor.

Barreto Poeira terá nesta história, de homens e toiros, o primeiro papel masculino, ao lado de Isabel Pomes e do toureiro Mário Cabré.

Não deixa de ser reconfortante notar que depois de António Vilar, outro grande actor do cinema português, Barreto Poeira, alcança em Espanha um êxito admirável, traduzido não só em elogios, como ainda — o que tem maior significado e projecção — em contratos que nos dizem, só por si, do mérito e valor profissional do actor visado.

## EL CENTAURO

# SOLDADOS SEM ARMAS

**S**EGUNDO um telegrama vindo a lume na Imprensa inglesa, nada menos do que sessenta e cinco soperadores de actualidades dos exércitos aliados tombaram nos campos de batalha da Europa, penando, deste modo, com a vida, a glória de recolher, para mostrar ao mundo, os aspectos cruéis dos combates que se fizeram no Velho Continente. Soldados sem armas, depois de terem pisado as areias da Líbia, assaltado as costas da Sicília experimentado a dureza da luta empenhada nas praias da Normandia para o golpe supremo que havia de libertar o coração da Europa do juço alemão. E foram sempre os primeiros, na linha de fogo, acompanhando o «Kinamo» com desprêzo total pela vida, fiéis à missão de registar com a objectiva — testemunha fria e implacável — o que se erguia perante os seus olhos, por entre as labaredas das paixões e as ruínas imensas que se enquadramam.

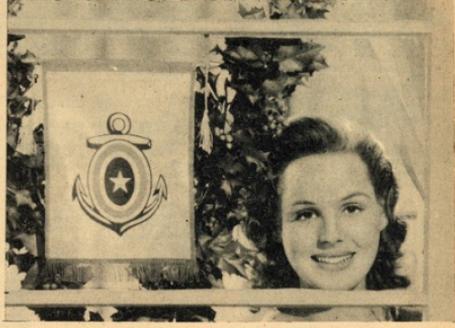
Depois, não foi só o drama da guerra, dos destroços fumegantes, dos corpos despedaçados. A medida que se internavam na velha casa europeia, era o espectáculo reconfortante das cidades libertadas, da alegria das populações, das bandeiras desfraldadas ao sol da vitória, das consciências senhoras dos seus próprios destinos. E a tela trouxe-nos, então, o reverso da medalha, os objectivos da guerra que começavam a cumprir-se. A vida que renasce das vidas mortas...

E continuaram sempre a caminhar, para além de Paris, da Linha Maginot, dos «diabos vermelhos de Arnhem», do Ruhr destruído, do Reno ultrapassado... Pelo caminho, iam ficando alguns. Mas depressa outros tomavam o seu lugar. Quando o toque de fogo se fez ouvir faltavam sessenta e cinco, entre os das primeiras horas. O público, porém, não deu por isso, porque todas as semanas, invariavelmente, os cinemas apresentam novas, vibrantes, sugestivas e cada vez mais dramáticas imagens da guerra.

Ao lembrarmos-nos, nesta crónica, dos sessenta e cinco soperadores desconhecidos, queremos prestar-lhes a singela e sentida homenagem. No Oriente, nas selvas do Pacífico, em Tarawa e Okinawa, a história repete-se, com idênticos e talvez mais penosos sacrifícios.

Que a público se lembre, em face dos jornais de actualidades, das dificuldades que impõem — talvez valha a pena substituir a legenda inicial de todos eles, por outros dizeres que resumam assim: «Pede-se ao público o favor de se manifestar, para que os seus aplausos sirvam de incentivo e homenagem a aqueles cujo esforço tornou possível este serviço de informação de que o próprio público não desejaria ver-se privado».

FERNANDO FRAGOSO



### IMAGENS DA VITÓRIA EM HOLLYWOOD!

**E**M todas as casas da América cujos moradores foram chamados a prestar serviço militar, pode ver-se uma bandeira ou insignia, com a estirpe «yankee». Quando o locatário faz parte dos fuzileiros da Marinha, o «distintivo enquadra-se numa âncora. E se muitas pessoas se limitam a olhar e marcar no vitrage, outras bordam-na sobre a tela, com o orgulho legítimo dos pais ou irmãos estarem dando o seu esforço pela Pátria.

No dia da Vitória na Europa, a insignia das janelas apareceu emoldurada por um enorme J de azulejo. Abreviamente examinados pela salubridade dos ausentes. E é por estas janelas em festa que as mulheres — mães, irmãs e noivas — esperam ansiosas, como Dorothy Morris, os entes queridos, cuja lembrança vive permanente no seu espírito.

E a vitória só terá sabor — quando eles voltarem!

## NOTA DA SEMANA

**E**M obediência a uma determinação superior, o «Ginásio» durante quatro meses interromperá a exploração cinematográfica para funcionar com declamação. Entretanto, todos os teatros de Lisboa, à excepção de um, fecharão por tempo indeterminado. Quere dizer: ao mesmo tempo que, para proteger o teatro se obriga um cinema a mudar o curso de exploração, outras salas encerram à míngua

de empresas e artistas. Se a exigência era defensiva tendo em vista a carença de palcos, afirma-se-nos pelo menos paradoxal, nas circunstâncias do momento.

A primeira vista, dir-se-ia mais natural deixar o cinema continuar a encerramento dos teatros, que, como tal, durante o ano funcionam. Pelo menos, teríamos mais uma casa de espectáculos em laboração, o que não é indiferente para os trabalhadores de teatro e de cinema e para o público em geral.

Assim, em nosso entender, a manter-se a disposição em vigor, ela só deveria aplicar-se quando, na realidade, estivessem todos os teatros a funcionar e os artistas e o próprio teatro português colhessem os benefícios representados por mais um teatro em laboração.



O general Nogues, fotografado ao lado do sultão de Marrocos. A seguir, está Guy La Chambre, que foi ministro do Ar e acusado de descurar o desenvolvimento da aviação francesa.

A resistência em Marrocos foi superiormente dirigida pelo Residente geral, general Nogues, que fora um dos mais próximos e mais dedicados colaboradores de Liautey e que gozava de uma excelente reputação como colonista e como militar. Durante muito tempo, correram as mais desconhecidas versões sobre as idéias e as intenções do Residente geral no Marrocos francês. Quando da celebração do armistício de Junho de 1946, era convicção geral que ele se manifestara pela resistência e que estaria disposto a apoiá-la em África na medida das suas possibilidades e dos recursos de que dispunha. Du- rante o consulado Weygand, o Residente geral prestou ao antigo comandante-chefe do exército francês uma colaboração activa e eficaz. Os pontos de vista dos dois homens não divergiam sensivelmente quanto ao verdadeiro papel que a África do Norte podia desempenhar na realisação da tarefa de reabilitação da França. Mas, de qualquer maneira, certo é que, ao longo dos dois anos e meio que haviam decorrido desde a celebração do armistício, o general Nogues se tinha identificado com a política do marechal Pétain, procurando servi-la o mais fiel e inteligentemente possível.

O acolhimento feito pelas forças do seu comando e, sobretudo, a repressão do movimento iniciado pelo general Bétouard, fizeram com que depois disso a personalidade e a acção do Residente geral no Marrocos fossem muito discutidas. Só a história poderá esclarecer quais eram as suas intenções e julgar o seu procedimento.

Em Casablanca, a luta prolongou-se durante mais de 30 horas e provocou grandes estragos materiais e baixas relativamente importantes em ambos os campos. Os contratorpedeiros franceses procuraram romper a cortina formada pelas unidades da marinha de guerra americana, mas foram repellidos pela acção conjugada dos navios dos aparelhos, que tinham levantado vôo dos porta-aviões da esquadra. Alguns foram afundados, outros sofreram avarias pesadas. O «Jean Bart» fez fogo, enquanto lhe foi possível, e as suas peças só se calaram quando o navio

quis se liquidaram rapidamente quando os comandantes das forças envolvidas em luta, que eram respectivamente os generais Ryder e Juin, chegaram à fala. Na madrugada do dia 9, o Quartel General das forças aliadas no Norte de África anunciava com carácter oficial: «Ontem, às 7 horas da tarde, completou-se a ocupação de Argel e dos arredores. Esta operação realizou-se depois duma confusão entre o general Ryder, do exército americano, e o general Juin, do exército francês».

#### O QUE SE PASSOU EM ORAN

Mesmo antes de acabar a confusão entre os dois generais, a qual decidiu da sorte de Argel, os transportes americanos conduzindo tropas penetraram no porto e desembarcaram as forças transportadas. De começo, estas foram acolhidas com tiros isolados disparados por elementos que faziam parte das organizações pró-nazis de Doriot e Déat. Mas, pouco depois, os tiros isolados deixavam de ser ouvir e os habitantes da cidade vinham para a rua, a fim de aclamar os soldados americanos desembarcados. Estas primeiras manifestações de simpatia foram frequentemente interrompidas pela acção dos bombardeiros do Eixo, que começaram a atacar a cidade. Esta operação o principal objectivo da aviação do Eixo que, assim, começou a exercer as suas represálias sobre a população da cidade em vez de atacar os navios americanos que se encontravam no porto.

O primeiro comunicado que deu conta dos acontecimentos desenvolvidos em Oran dizia apenas: «Ao norte e a oeste de Oran, forças americanas de desembarque, sob o comando do general Fredendahl, penetraram a uma distância considerável da cidade e depararam com uma certa resistência em alguns pontos. Foram ocupados três, dos quatro aeródromos que existem naquela região, e feitos dois mil prisioneiros».

estava transformado num enorme brasão. As guarnições dos fortes, em terra, obedeceram também, até final, às ordens recebidas do general Nogues, na sua qualidade de comandante-chefe das forças aquarteladas em Marrocos.

#### O QUE SE PASSOU EM ARGEL

Em Argel, a resistência esteve principalmente confiada à artilharia dos fortes e a algumas unidades navais. Mas não teve o carácter violento que assinalou os acontecimentos de Casablanca. Todos os relatos dos acontecimentos desenvolvidos naquela cidade são unânimes em afirmar que as combinações prévias, estabelecidas entre o general americano Mark Clark e os elementos da guarnição local durante a visita do primeiro ao território argelino, facilitaram, de maneira notável, a execução dos planos norte-americanos.

Os primeiros objectivos dos contingentes americanos desembarcados em Sidi Ferruch, a oeste de Argel, foram rapidamente alcançados sem derramamento de sangue. O importante aeródromo de Blida, que fica a cerca de 50 quilómetros a sudeste de Argel, foi rapidamente ocupado por forças aéreas americanas, recuperado pelos franceses e, finalmente, ficou nas mãos de forças de infantaria e de artilharia norte-americanas. Num outro aeródromo, a leste de Argel, o aeródromo de Maison Blanche, não houve ter ficado siriame a ligação. Os se verificou qualquer resistência. Os aparelhos americanos desembarcaram forças que se ocuparam sem resistência dos fortes e pelos navios de guerra que se encontravam no porto.

Estes últimos, durante algum tempo, impediram a entrada dos transportes e dos navios de guerra americanos no porto, e da sua acção resultou ter ficado apanhada a ligação o contra-torpedeiro norte-americano «Broke». Mas, depois de dominada a via respiratória e os destacamentos do exército americano puderam desembarcar à vontade nos arredores de Argel, aproveitando as praias mais convenientes para a sua acção. Em El Biar chegou a haver escaramuças entre americanos e franceses, as

# HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

## CAPÍTULO XXVII

### A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

aeródromos de Tafarouf e Lasena, situados nos arredores da cidade. Os que não foram destruídos no decurso dessa operação levantaram vôo e travaram rebeldes combates com os aparelhos ingleses destruindo alguns deles.

Enquanto esta luta se desenvolvia no ar, os americanos ocuparam o aeródromo de Tafarouf, mas não conseguiram fazer o mesmo ao de Lasena. A luta em Oran foi, finalmente, decidida pela intervenção duma força de paraquedistas americanos comandados pelo coronel Raff, a qual partiu, na madrugada de 8, dos aeródromos da Grã-Bretanha e chegou ao lugar depois duma travessia aventureosa de 8 horas sobre a França e o Mediterrâneo.

As forças navais que se encontravam no porto de Oran atacaram os navios americanos que procuravam facilitar o desembarque, resultando da luta a perda de dois navios ligeiros da armada dos Estados Unidos, o «Walney» e o «Hartland». Do lado dos franceses, dois contratorpedeiros ficaram também com grossas avarias.

A luta sustentada pela artilharia dos fortes e pelos navios de guerra demorou por algumas horas o êxito do desembarque americano em Oran, e essa circunstância veio a reflectir-se no quadro geral da luta e a prejudicar os movimentos e os objectivos previstos pelo alto comando aliado para o desenvolvimento das operações militares no Norte de África.

(Continua)



Major-general Fredendahl



Major-general Charles Ryder

**Sanne**

A MELHOR PASTA PARA A HIGIENE DA BOCA

# MA CARTA DE JOSÉ TELHADO EVOLUÇÃO DA FIGURA DO FAMOSO SALTEADOR QUE MORREU EM TERRAS DE ANGOLA E FOMENTO DAS DESGRAÇAS DO QUE PERIGOSO

**E**M Maio de 1832, com o alvoroço próprio de um português que poucos dias antes vira pela primeira vez terras africanas do seu país, nas ilhas do Príncipe e de S. Tomé, percorri de 16-a-lés (21.000 quilómetros em cerca de 30 dias) a grande e portentosa província de Angola, tão distinta daquelas e das outras colónias portuguesas. Certa manhã deixamos a pequena e arida cidade de Malange, a caminho da misteriosa Luanda, a terra dos diamantes... Um pouco antes de Nova-Gala, pôsto civil quasi na fronteira dos dois distritos angolanos, o auto-móvel parou em plena estrada. Um camarada de Luanda levou-nos, por entre o capim alto como um homem, e frígido como algodão, até uma clareira de terra vermelha e dura, que ao centro tinha um alpendre tóxico, meio arruinado. Troncos irregulares de árvores fracas sustinham um teto de colmo apodrecido e negro. Debaixo dele, um monte de terra endurecida, de onde emergiam pedras, tendo em volta cinco montes de terra mais baixos mas de igual comprimento: o de uma pessoa. Em cima do monte, numa tabuleta negra, il. a custo, estas palavras que exprimiam um mundo de recordações: «Aqui jaz José do Telhado — falecido em 1875». Os outros túmulos deste extenso cemitério panteão em plena selva angolana, eram os das mulheres negras de José do Telhado, as quais tinham sepultado ali o famoso bandeoleiro, reservando logo o espaço que a cada uma delas era necessário para o acompanhar na morte como acompanharam na vida. Que nenhuma alma amiga já tinha em Africa o desventurado homem, vi-se claramente no abandono do seu panteão, que um alto e largo imbondeiro cobria com as suas ramadas ralas e frágeis.

Anotei, no meu caderno de viagem, onde já figuravam batiques, desfilas, paisagens estranhas, cascadas, travessias de rios perigosos, protestos e reclamações de brancos e de negros, essa visita a tão estranho lugar. O resto da viagem, mesmo quando foi preciso ajudar o automóvel a vencer os excessos da profunda areia da Luanda, passou-se a recordar os episódios verdadeiros e os romaneados que deformaram, desde meados do século XIX até hoje, a figura do celebrado salteador (1).

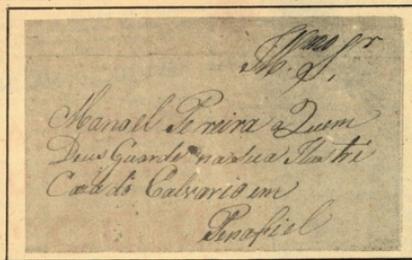
Só agora, quando o querido amigo e camarada major Alexandre de Moraes me deu a ler uma carta inédita de José do Telhado, recordei esse episódio de viagem em terras de Angola.

Acerto e respeito a decisão do tribunal que condenou o José do Telhado ao degredo, quando milhares de pessoas pediam a sua morte no fóros; mas não me esqueço nunca, ao tratar de qualquer facto relacionado com as lutas políticas do século passado, que tanto mal causaram a sociedade portuguesa, de suspeitar do ódio, do desespero, da vingança que encheram de luta centenas de lares e almas foram, além da morte, deshonrar nomes dignos e aureolar de prestígio verdadeiros criminosos. Impressionou-me a leitura da carta, dirigida ao sr. Manuel Pereira, da Casa do Calvário, de Penafiel, datada de 1-7-1887, e que diz o seguinte:

«Il. Sr. — Estimo muito que estas duas letras bom achar destruchado fells sauda em comp. de quem Y. S. — mais desejava pois a minha a fazer desta he boma mas como desgraçado de muntanha em muntanha. Il. Sr. por esta bou o os pés de V. S. para me valler neste occasião

como pai da caridade com uma esmolta por eu andar a 8 anos degredado sem poder ganhar a minha vida pois espero em Deus q algum dia lhe-de saver agradecer pois he a maior esmolta q V. S. tem feito em toda a sua vida pela minha desgraça e cori isto não enfado mais deste seu creado a vida lhe dezejig por muitos anos deste que he

De V. S. Dollenor Creado  
(a) José Teixeira da S., do Telhado  
N. B. — O portador desta he meu filho, Julio, 1 de 1857.



Não reparo nos erros de ortografia. Vejo apenas a expressão da alma de um homem perseguido, com a cabeça a prêmio, procurado com ódio até por aquêles pobres a quem destinava sempre uma parte dos seus roubos. Vejo o drama do accossado, longe da mulher e dos filhos que adorava, dormindo em pleno campo, ganhando com a fome de muitos dias a liberdade que lhe queriam tirar. E lembro-me de que êste homem foi digno e honrado, valente, heróico, generoso, exemplar chefe de família, até ao dia em que a politica o enredou e perdeu.

Alto, sêco, flexivel como o aço, espontâneo, franco, alicante, José Teixeira da Silva, que nasceu no lugar do Telhado, na freguesia de Castelões de Recesinhos (Penafiel), do lugar de nascimento, em 1816, tomou o apêdo que havia de celebrizão. Não houve mais garboso lanceiro de cavalaria 2. da Ajuda, para onde velou muito novo quando o tio lhe recusou a mão da prima, que viera a ser, afinal, sua mulher e o maior amor da sua vida. Em Benfica, quando o cirio do Cabo ali reunira milhares de pessoas, salvou da morte um pagem, cujo cavalo se espartara, e recusou prêmio e até a mão de uma rica e formosa jovem. Poucos meses depois, em Belém, salvou o povo, acometendo à lançada um touro; e, por isso, foi louvado na ordem regimental. Val depois, para o Norte, nas hostes de S. da Bandeira e salva a vida deste, abatendo três facinoras que estavam embuscadas para assassinar o caudilho. No próprio lugar da cena, S. da Bandeira tirou do peito a Têra e a Espada, que sempre trazia, e colocou-a na farda de pré do José do Telhado, dizendo: — «O senhor é um valente; merece o galardão dos valentes».

Mas os ventos mudaram pouco de-

pois José do Telhado foi ferozmente perseguido por ser patuleia e ter combatido contra os Cabrais. Já havia fome no seu lar quando o Caudilho Boca Negra, célebre salteador nortenho, lhe propôs a constituição de uma quadrilha. Num dia em que a miséria do seu lar foi completa, no dia em que viu chorar a esposa e os filhos, José do Telhado accetou a proposta e fez chefe de um bando que trouxe em alvoroço e terror continuo a região do Minho. A traição de uma mulher que o pretendia, deve a sua prisão, em 31 de Março

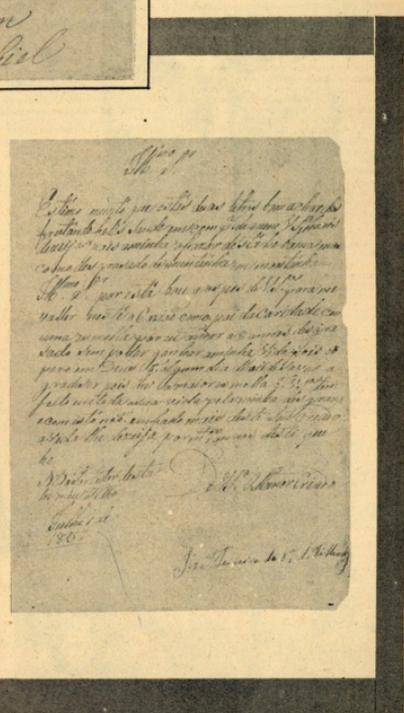
de 1869, quando já se encontrava a bordo de um navio que o levaria a Brasil, com nome suposto. Foi acompanhado de Camillo Castello Branco na cadeia do Porto. Julgaram-no e condenaram-no a degredo perpetuo, com trabalhos publicos, em Abril de 1861.

Assim acabou, na Metrópole, a vida de José Teixeira da Silva. Foi sempre os ricos, accusaram de morte. É certo que ajudou muitos pobres com o que tirava aos abastados, talvez para se convencer, na exasperação do seu romanticismo, de que realizava uma obra de reparação social.

Degredado em Luanda, logo se impõe pela disciplina e pelo amor ao trabalho. Passa a viver em liberdade condicional e não foge. Qualquer serviço, por mais duro, lhe serve para ganhar o pão. Cultiva a terra com o auxilio de negros. Tem várias mulheres como os sobas. Negocia. Torna-se, em breve, um arrojado «pombelero». E assim vive e luta, durante catorze anos, na selva de Angola. Dizem os brancos que o conheceram all, que sempre o atormentava a saudade da mulher — a sua tão querida Aninha — e dos filhos; e que a pensar nêles abalou deste mundo. Deixou em Africa fama de homem generoso e sério nos negócios. O argumento mais forte em favor desse juizo popular é o panteão em terras de Malange. A amizade das suas mulheres negras restitua ao tempo a morte. Ela reparou, grandemente, as injustiças que fizeram de um homem digno um salteador perigoso.

LEOPOLDO NUNES

(1) A única obra séria e documentada que até hoje se escreveu sobre José do Telhado é o livro do meu illustre colega e amigo, mestre Eduardo de Noronha.





**1** **DÁ ORIGEM DE DÍDO:** Aqui está a peça inteira que a América nos envia. Será uma camisa de dormir? Dormir com Dido, de resto, será bem do outro mundo! Uma das características mais salientes: Dido é feito de uma só peça — os americanos são práticos — e em tecido de algodão.

**2** **DO MODO DE FAZER:** Se a leitora gostou, aqui tem a receita: pique numa daquelas camisas de dormir que a avózinha usava, muito, muito comprida. — e talhe, em forma de 8, sem se esquecer de preparar à parte de baixo, um cós ligeiramente franzido.

## UMA REVOLUÇÃO NA INDUMENTÁRIA FEMININA

# A AMÉRICA DISPAROU "DIDO"

**D**IDO? Dido, porquê? Terá acaso alguma coisa este Dido com a Dido, rainha de Cartago? Aqui está um sério problema para resolver: por que puseram os americanos o nome de Dido ao mais recente modelo lançado para a moda feminina?  
As notícias que recolhemos não o dizem. E nós, que não adivinhámos, não sabemos. Passemos, pois, adiante da genealogia de Dido — e vamos à história que o próprio nome representa:

## E TODO O MUNDO FEMININO SE SUBMETEU...



**4** **Da sua aplicação:** e aqui tem! Dido está pronto. Não poderá dizer que é menos elegante. Com Dido pode dormir, com Dido pode estirar-se ao sol, com Dido pode ir ao srinks — na América ou em Lisboa.

**3** **DO MODO DE VESTIR:** Levante um pouco a perninha e deixe passar a estranha "folhetes". Então, pegue nas extremidades do cós, que são duas fitas de seda, amorceas na cintura e... pronto, rejose ao espelho.



# RESponde QUEM SABE

## Em que obra literária encontrou mais exaltada a personalidade da mulher?

**E DEPOEM:**

JOÃO DE BARROS

LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

AUGUSTO DA COSTA

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

**João de Barros responde com uma bela sugestão**

Não julgo possível responder à sua pergunta citando só um livro, por mais belo e significativo que ele seja. Quando penso nalgum, logo outro me lembra — e todos de igual valor, de igual importância. Mas não lhe parece que uma *Antologia dos Poetas Portugueses de Amor*, organizada com extrema e delicada ponderação — de D. Dinis a Camões e a Rodrigues Lobo, de Garrett a João de Deus e a Augusto Gil e a Fausto Guedes Teixeira (para falar unicamente dos mortos, quero dizer: dos definitivamente mortos), não lhe parece que um volume desse género seria o mais perfeito e completo livro de exaltação admirativa consagrado à mulher? Creio que sim. E, se bastante não fosse, nada impediria que aos poetas de amor portugueses se juntassem os poetas de amor brasileiros, e até de todo o mundo...

Esta não é, decerto, a resposta que o meu distinto camarada deseja. O remédio é fácil, porém: inutilizá-la, o que será, apenas, o justo destino, não da ideia que ela traz, mas da maneira como a traduziu...

*João de Barros*

**Luís de Oliveira Guimarães faz espirito**

Se é verdade que nós só dizemos mal daquilo que nos interessa, temos, de concluir que a obra que mais exalta a mulher será precisamente a que mais mal disser dela. Agora se «isto» não passa dum paradoxo de cafés, ou, com mais requinte, de «casa de chá», então direi que, em meu entender, a obra literária que conheço, pelo menos em língua portuguesa, que mais exalta a mulher — é a «Mulher», aquela subtil e volumosa obra que Sousa Costa escreveu, verdadeiro Arco de Triunfo sob o qual Eva passa, vestida de brocado e coroada de rosas, como a mais atroz e a mais adorável das triunfadoras na arte, na literatura, na política e no amor. Vendo bem é preciso detestar muito os homens — para se escrever um livro destes a exaltar tanto as mulheres!

*Luís de Oliveira Guimarães*

**O autor do "Galo doido", diz...**

A pergunta veio surpreender-me longe do assunto: «em que romance encontrou a mais perfeita expressão das virtudes da mulher?». Se tivesse de responder imediatamente, talvez não dissesse nada; com dois dias de prazo, já me seria possível avivar a memória, passando a vista pelos romances arrumados nas estantes. Em todos eles — com excepção talvez para os «brancos e «côr-de-rosa» — há mulheres virtuosas e mulheres pecadoras! as proporções é que variam. Nos meu, por exemplo, parece que as pecadoras são em maior número; e, todavia, Deus sabe até que ponto vai a minha admiração pelas mulheres que, por terem uma «quarta dimensão» — «altura» interior — considero verdadeiramente senhoras! Não se trata, porém, dos meus romances, mas dos romances alheios; e direi, neste caso, que me parece inexcusável de perfeição feminina a delictosa Agnês — ou Inês — do *David Copperfield*, e mulheres como Juugo Inexcusável de perversidade, nas *Leslons dangereuses*, de Choderlos de Laclos, a marquesa de Merteuil. Magnifica me parece também, como expressão de virtudes femininas, a Fernanda de *Um lugar ao sol*, de Erico Veritasmo.

Desejaria indicar as páginas em que Agnês e Fernanda nas senhoras se revelam. Impossível faz-lo quanto a *David Copperfield*, porque o livro não estava na minha respectiva; a omissão da página, portanto, pouco deve prejudicar a resposta; *primeiro*, porque não é apenas num passo do livro, mas através de toda a sua intervenção no desenrolar da acção, que uma figura — boa ou má — se revela integralmente; *segundo*, porque a figura luminosa de Agnês perpassa em todo o romance, sempre igual a si mesma. Quanto à Fernanda de *Um lugar ao sol*, citarei a página 221: — «Naquele mesmo momento Fernanda, como se tivesse compreendido que o marido precisava de conforto, de acalento, de carícia, inclinava-se sobre ele. Pegou-lhe a cabeça com as mãos e beijou-o na testa, nas faces, nos cabelos. Quando lhe beijou os olhos sentiu gosto salgado de lágrima. Achou mais prudente não perguntar nada...». Se ela fosse apenas mulher, e não uma senhora, não teria tanta delicadeza e tanta ternura com o marido.

*Arthur*

**Joaquim Paço de Arcos recorda a Teresa de "Le Lys Rouge"**

— Em que obra literária encontrou mais exaltada a personalidade da mulher?

A pergunta presta-se a diversas interpretações. Se com a exaltação da personalidade se pretende fazer referência à exaltação de virtudes, estamos mal, porque as heroínas das obras de ficção muito raramente são virtuosas. Mas se o inquiridor, em sua curiosidade, permite que nos refiramos às ominosas pecadoras, ou que, pelo menos, as nivelemos, na nossa evocação, é que atravessarmos as páginas compactas dos romances resistindo à tentação e sem morder a maçã, então deixe-me recordar-lhe, sem fazer distinção entre umas e outras, essa figurinha de encanto, cheia de graça, que é a Natasha, de «A guerra e a paz», a Teresa, de «Le Lys Rouge», tão injustamente tratada por esse homem cruel que reconhecia «on n'est jamais bon quand on aime»; algumas heroínas de Balzac, que tão fundo penetraram no coração da mulher; a Maria Eduarda, de «Os Malus», «grande, mudz, toda negra na claridade, à portinhola daquele vagon que para sempre a levava»; a Teresa Desqueyroux, de Mauriac (já vamos na senda do crime...), e porque não? Ema Bovary?

Agora, se me pergunta se são essas as figuras femininas de ficção a que mais quero, tenho de lhe dizer que não. Porque nenhum autor se aparta das figuras que criou a ponto de querer mais aos filhos estranhos.

*João de Barros*

**Luís Forjaz Trigueiros, esclarece...**

A pergunta, assim formulada, parece-me assaz vaga. É difícil responder-lhe, portanto, cabalmente. No entanto, vejamos: até onde a memória me permite responder num breve prazo (e não uso, evidentemente, o ficheirozinho dos assuntos, tão do agrado de certos escritores; a metró não vejo que seja digna de citação

a maior parte das obras que tendem a exaltar a mulher — ou através de um belo amor ou através de acções heróicas. Poderá o *Amor de Perdição* ser considerado um livro de exaltação da mulher — ou não será apenas uma exaltação do amor? Livro em que a mulher seja efectivamente exaltada, embora na substância poética dum sonho quasi indefinido, lembro-me apenas desse romance que nunca me canso de ler: *Le Grand Meaulnes*. Mas também aí se poderia dizer que a mulher é apenas protagonista da «*Daphne Adams*», de Baring. Aliás, a verdade é que já no tempo dos gregos a mulher era um assunto de... exaltação ao contrário. As grandes amadoras de Eurípides, por exemplo, instintivas e impulsivas, não eram positivamente senhoras de virtudes edificantes. Daí por diante, até Eça de Queiroz, Flaubert e nos nossos dias Proust ou Mauriac, as heroínas dos grandes romances não são, que me lembre, modelos de perfeição... Ora como André Gide dizia, mais ou menos, que não é com bons sentimentos que se faz boa literatura — teremos de concluir que as obras em que a mulher é mais exaltada serão precisamente aquelas em que é mais diminuída. E isto, como se sabe, não é tão paradoxal como parece.

*Luís Forjaz Trigueiros*

**"Thetis"**



**O CAMISEIRO DOS QUE VESTEM COM DISTINÇÃO**

RUA DA PALMA, 163-163-A

LISSBOA

# CALÇADA DA GLÓRIA

## PERNAS DE

# MULHER

IV

A maior preocupação da perna foi, durante muito tempo, a meia — que quer dizer o seu vestido. Não faltou psicólogo ou negociante de meias que não afirmasse que a meia é que realçava a perna, que a modelava, que a estilizava e que, ao procurar esconder-lhe a polpa branca ou rosada da carne, lhe aumentava o mistério e, por consequência, lhe redobrava o encanto. Isto parece que não era rigorosamente assim, porque veio a moda da perna nua — e a perna, pelo menos a perna bonita e agradável, continua a ser tão considerada e tão desejada como quando andava vestida.

V

Terá a perna qualquer influência na mulher? Quer dizer: será a perna que determina a mulher ou será a mulher que determina a perna? Os estudiosos da estatística têm sido levados a reconhecer, em face dos números, que são as pernas que nos levam, não para onde nós queremos, mas para onde elas querem. A perna masculina ainda, por vezes, se curva; a perna feminina, essa, é a mais implacável das ditadoras. Basta citar o caso daquela respeitável senhora que para evitar que as suas pernas — umas pernas realmente assombrosas — a conduzissem por mau caminho tomou o partido de as cortar, e preferiu, para sua tranquilidade moral, andar em muletas... Mais tarde veio a saber que as pernas que ela amputara — eram bailarinas num cabaret... e que cabaret...

VI

As pernas da mulher, estética e moralmente, davam um sugestivo tratado, mas o tratadista que tivesse coragem de o escrever teria talvez que exclamar para as suas pernas, largando a fugir, não fossem matá-lo as mulheres:

— O pernas, para que vos quero!

I

Cremos que era Voltaire quem dizia que, para conhecer bem uma mulher nada melhor do que surpreendê-la ao levantar da cama — ou ao sair do banho. Nem sempre será fácil, infelizmente, surpreender uma mulher em qualquer destas ocasiões, mas hoje, pensamos nós, (tanto as mulheres se apresentam em transparência nas ruas e nos salões) que as idéias de Voltaire, aliás oportuníssimas no seu tempo, não terão já inteiro cabimento. Eva, como veio ao mundo, pode ser agora observada, em superfície e em volume, da porta duma sala ou da esquina duma rua, e, por isso, para analisarmos uma perna de mulher ou, com mais amplitude, as pernas das mulheres, não precisamos que elas saltem da cama ou saltitem da água. Há problemas que se têm facilitado. Este é um deles.

II

Principiemos por estabelecer os limites duma perna de mulher, e que são, ao sul, o tornozelo, e, ao norte, a liga que prende a meia. Para as pernas que não usam meias e, por consequência, não carecem de ligas, o limite norte será a linha ideal em que estaria colocada a liga, no caso de existir a meia. O que fica à quem do tornozelo ainda não é perna; o

que fica além da liga não é perna já: uma coisa e outra são arredores, os chamados arredores da perna.

III

Há pernas de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todas as psicologias. *Chacun sa femme — chacun sa jambe*. Desde a perna magra como uma vareta de chapéu até à perna bojuda como um garraão, desde a perna rígida como um pau de vassoura até à perna retorcida como um saca-rólhas, desde a perna sentimental que lê os romances de Max du Veuzit e ainda toma o amor como uma coisa séria, até à perna ultra-moderna, produto da vertigem e do avião, e que dir-se-ia caminhar na existência ao permanente som dum jazz — nada mais variado e nada mais complexo do que uma perna de mulher. Mas então — perguntar-se-á — não existirão à superfície da terra pernas de mulher perfeitas? Sem dúvida que existem — mas são raríssimas. A perna esteticamente perfeita (tanto quanto uma coisa pode ser perfeita no mundo) será aquela que não for gorda nem magra, nem direita nem torta, nem rapada nem peluda, sendo ao mesmo tempo calma e nervosa, firme e flexível, séria e risonha. Homem que encontrar uma perna destas não hesite: pegue nela — e traga-a ao colo.



# "LÁPIDES PARTIDAS"

## O NOVO ROMANCE DE AQUILINO RIBEIRO

**D**ESTA vez, Aquilino Ribeiro foi buscar algumas figuras do mundo já criado pelo seu maravilhoso espírito e trouxe-as para o novo romance. Depois de "Via Sinuosa", onde tantas interrogações haviam ficado para a imaginação do leitor, surge-nos este romance portentoso: "Lápides partidas".

Não é preciso ter um espírito crítico para fazer comparações: quem releer agora "Via Sinuosa" e passar depois os olhos para as páginas de "Lápides Partidas", sente o tempo que separa os dois romances — sente, embora não saiba definir as razões imponderáveis das distâncias. Porque nem o primeiro é melhor que o último, nem este é superior ao primeiro. E, embora ambos sejam superiormente concebidos e realizados no mesmo nível e, até, no mesmo estilo e com as mesmas características, disse-lhe que o tempo lhes pôs um selo de carácter — como se em "Via Sinuosa" houvesse uma prosa retesada, dominada, como se em "Lápides Partidas" houvesse a frescura de deixar o estilo à solta, tão grande é a confiança do produtor nas virtudes da sua criação artística.

Para lá dos imponderáveis do estilo, da emoção crítica

que se desprende das duas leituras — a primeira talvez mais densa de erudição — há, naturalmente, outras virtudes, dessas que pertencem ao património riquíssimo do homem de ficção que é Aquilino Ribeiro. Depois de pensar, pintou: e é assim que Aquilino nos surge um pintor objectivo, cidadão, logo ao abrigar das primeiras páginas, quando nos descreve a chegada de Patarroxa e do protagonista a Lisboa, pelo comboio desaguado no Rossio. Aquilino, de resto, não se limitou a pegar nas figuras tal qual as havia criado, para as colocar de novo na vida: fê-las evoluir no carácter, fê-las reagir perante o meio e os factos, para que a sua obra crescesse em verdade e em beleza.

Dentro deste critério que tantas virtudes literárias produziu no novo romance de Mestre Aquilino — a literatura portuguesa contemporânea, na sua alta expressão, presentes-nos com mais um belo trabalho que é, ao mesmo tempo, um novo acontecimento literário.

A edição, com um formato e composição de capa a enfiar na sobriedade das edições anteriores, pertence à Livraria Bertrand.

**M**ÍSTICA de uma sensibilidade unificada dos mistérios da vida e da consciência humana, Teixeira de Pascoas, que parece ter esquecido a poesia e não será, do mesmo modo, a emoção poética em acção, a sua prosa de estilos clássicos — de uns agora «Santo Agostinho». Menos romance, menos biografia do que esmerado e profundo comentário interpretativo ao Santo, à sua obra e à sua época, este livro de Teixeira de Pascoas, uma bela página de literatura contemporânea, no que ela tem de mais acidentalmente puro, clássico e dogmático. A edição pertence à Livraria Civilização, e traz a excelente capa de Vinício.

### O conceito de poesia como expressão da cultura

**É** um livro de trzentas páginas, tanto quanto possível completo, este que o Professor Hernani Cidade publicou sob os auspícios da Coleção Stadium, de Coimbra, e no qual nos dá o movimento da poesia portuguesa desde os valores da formação do conceito jurídico e ético da nacionalidade, com o fim da Idade Média, até aos cultores da poesia do nosso tempo.

Entronçada na poesia portuguesa, surge-nos, depois, a evolução da arte poética brasileira, num estudo consciencioso e uma interpretação que se não é revolucionária nem ousada, consagra, em alguns pontos, o conceito estabelecido.

Hernani Cidade, de resto, apressa-se a prever que neste volume não se argumentaria para defesa ou estabelecimento de uma tese — preferindo partir da explicação para o evolutivo histórico.

## FACA DE PAPEL

A rádio, naturalmente, com a sua função efémera, é uma atracção para o escritor. Mas o livro, forma e fusão de idéias, é a expressão definitiva das palavras. Por isso é ainda uma atracção maior para o homem que pensa e fala ao microfone. O Prof. Vitorino Nemeado não se esquivou às duas seducções e, assim, depois de ter proferido algumas valiosas palestras ao microfone da Emissora Nacional, entregou à Livraria Bertrand, para que fosse editado, este livro que traz o título de «Óndas Médias». Trata-se de um feixe de biografias e de temas literários, escritos no fino recorte que é o estilo literário do autor de «Mau tempo no Canal» — e que nos obter, junto do público, por certo, um grande êxito.

\* «Ar Puros é o título do livrinho que a sr. D. Virgínia Lopes de Mendonça escreveu para a Biblioteca das Nossas Filhas, da Editorial «Os Nossos Filhos». Escrito numa linguagem simples, tem um entrego movimentado e de agrado certo para o pequeno mundo de adolescentes a que se destina.

\* Ferreira de Andrade publicou «O Senado da Câmara e a Guerra Civil», interessante plaqueta — algumas páginas de História abiamente evocadas e que nos põem em contacto com uma política recente, acompanhadas de algumas magníficas gravuras inéditas. A edição, muito cuidada, é do autor.

\* «Um crime a bordo», escrito por Dennis Wheatley, acaba de ser pôto à venda pela Editora Marítimo-Colonial, Ltd., em tradução de Pedro Celestino Soares. Trata-se de uma verdadeira novidade na ficção de crime, pois o desenrolar da acção exprime-se, principalmente, através de uma apre sentação gráfica e fotográfica.



## EÇA DE QUEIROZ VISTO NUM ESTUDO DE GASPAS SIMÕES

### "CIRCO" DE LEÃO PENEDO

**E**STA publicado o mais amplo trabalho que, até hoje, se destinou à obra e à vida de Eça de Queiroz. Subscrive-a João Gaspar Simões, crítico e escritor que pôde ainda dar-nos esta obra, expressão de um labor exaustivo, de um trabalho de pesquisa notável e de um poder interpretativo que ficará como o melhor que sobre Eça de Queiroz se tem escrito.

João Gaspar Simões — e, aqui, não cabem notas de crítica mas, apenas, uma opinião informativa — começa por nos falar do nascimento do autor da «Relíquias» e, demorando-se longamente na análise da sua obra, termina com o comentário ao grotesco discurso à beira da urna do romancista, no Alto de S. João.

Depois, a-par-e-passo, o leitor assiste ao despendurar da obra e da vida do intimamente encaixadas no escritor. Sem dúvida, o magnífico livro de Gaspar Simões — 608 páginas, onde não falta uma sinopse cronológica um índice valioso, uma nota sobre as obras de Eça consultadas para a elaboração deste volume — e

quasi todo êle repousa na interpretação dos textos do romancista — este livro, dizíamos, vai suscitar acesos comentários e largas críticas, porque João Gaspar Simões, não obstante inscrever algumas interrogações nos quadros dos seus estudos, tira, ainda assim, muita conclusão que vai passar por cima do preconceito moral e literário estabelecido à volta de Eça de Queiroz.

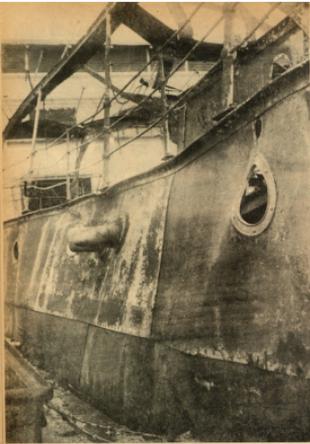
A edição, magnífica, cheia de excelentes documentos fotográficos, é de «Dois Mundos» — Portugal e Brasil.

**D**EPOIS do êxito inegável de «Caminhada», Leão Penedo apresenta o seu grande romance «Circo», volume denso, menos estudo de caracteres e reacções psicológicas e acção. E, todavia, lendo-se e relendo-se algumas das mais be-

las páginas do livro de Leão Penedo, neste seu último trabalho, compreende-se e sente-se a presença de um autêntico romancista — talvez o único que, hoje, e depois de poucos, escreve um verdadeiro romance, cheio de vibrações de humanidade e de emoção, realmente. De facto, mesmo, mo quando escreve com êxito, Leão Penedo não parece fazer literatura, naquilo que entre nós é «lirismo» e paisagem, vazios de vida, de acção e de imaginação, preenchidos por conceitos de falsa literatura.

Por tudo, pois, e ainda por muitos outros motivos — e, entre eles, o do interesse novelístico de «Circo», todo êle quasi contido nas lonas que resguardam uma pobre companhia de cavalinhos de livro de Leão Penedo, um autêntico romance, petimtos, vai marcar como obra de grande interesse editorial.

«Circo» traz uma capa sugestiva e de muito bom gosto assinada por Baptista Rudy, e foi este livro inicia a coleção dos Romancistas de Hoje.



A parte exterior das cascaças ficou quase destruída, como se os canhões tivessem disparado de lá fora.

# T

**BAGUA** e situação foram feitas de paz a chegar tranquilamente ao porto de origem. Mas, como já sabemos, a situação de guerra não permitiu que se realizasse a operação de desembarque. O resultado foi a morte de quinze marinheiros portugueses e a captura de outros tantos.

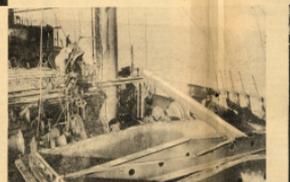
Em 1961, a situação de guerra não permitiu que se realizasse a operação de desembarque. O resultado foi a morte de quinze marinheiros portugueses e a captura de outros tantos.

Em 1961, a situação de guerra não permitiu que se realizasse a operação de desembarque. O resultado foi a morte de quinze marinheiros portugueses e a captura de outros tantos.

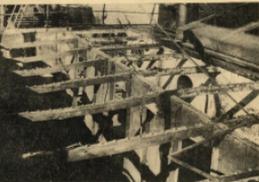
Em 1961, a situação de guerra não permitiu que se realizasse a operação de desembarque. O resultado foi a morte de quinze marinheiros portugueses e a captura de outros tantos.



A esquerda, o canhão de artilharia de 100 mm. À direita, o canhão de 150 mm.



Trabalho realizado em condições difíceis e a bordo de um navio.



Para além das cascaças, há também a morte de outros marinheiros.

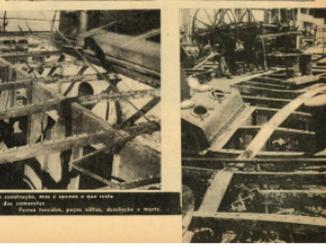


Para além das cascaças, há também a morte de outros marinheiros.

**EPI-  
LOGO**

## CAPÍTULO TERCEIRO

# A QUEM RESPONSABILIZAR PELA MORTE DE QUINZE MARITIMOS PORTUGUESES?



Para além das cascaças, há também a morte de outros marinheiros.

*A margem da alegria*

# A FEIRA POPULAR

O GRANDE CARTAZ DE LISBOA

**A** Feira Popular — essa magnífica e surpreendente organização de «O Século» a favor da sua Colónia Balnear Infantil — continua a ser o grande cartaz de Lisboa. A população não fala noutra coisa — e todas as noites acorre a Paliçada, em multidão, para ali encontrar as suas melhores horas de distração e de prazer. E de tudo ali encontra, num espectáculo de movimento e de luz que em nada fica a dever aos grandes certames do género de qualquer capital europeia. Atrações, as mais curiosas e as mais diversas, lugares de divertimentos e de estar, esplanadas, cinema, teatro de fotochores, barracas de comer e de beber com o seu pitoresco característico, a par de uma completa feira de amostras onde algumas das nossas mais importantes firmas ou empresas comerciais apresentam os produtos que fabricam ou que representam em Portugal — a Feira Popular constitui bem a parada maravilhosa destes dias com o seu desfile de dezenas de milhares de pessoas, todas as noites, pelo velho Parque de Paliçada.



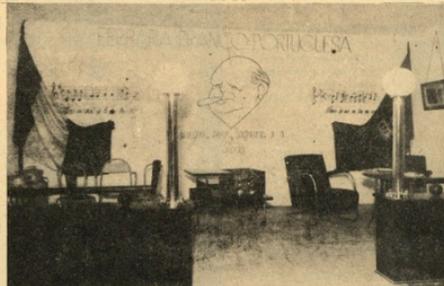
«Stand» REGINA

A fábrica dos mais finos chocolates e bombons  
Rua de Sá de Miranda — LISBOA — Telef. 81 167



«Stand» «CHÁ CELESTE»

O delicioso chá da Colónia de Mogadiscio  
da **SOCIEDADE CHÁ ORIENTAL**  
Rua do Alecrim, 5, 1.º — LISBOA



«Stand» da Ferraria Franco Portuguesa de Alfredo Franco  
Campo 28 de Maio, 288 — LISBOA — Telef. 57-313

Os mais importantes trabalhos em construções metálicas, serralharia civil, ferraria de arte, ferro batido e forjado, mobiliário de aço, etc.  
(Casp fundada em 1920)



«Stand» da Companhia dos Grandes  
Armazéns Alcobia  
Fornecedores dos melhores e mais lindos  
mobiliários  
Rua Ivens, 14 — LISBOA  
(Esquina da Rua Capela) — Telef. 2 6441

«Stand» da Fábrica de Vulcanização  
e Recauchutagem **TRIUNFO**  
de **MARTINS & FREITAS, L.ª**  
Estrada da Torre, 1-3 (Lumiar) - Tel. 57376  
Calçada de Arroios, 72-Lisboa—Tel. 42118

**NÃO ESQUEÇA...**

**NO GO CIRCO**

Director: **CAY. GIANNELLI**

Todas as noites na  
**FEIRA POPULAR**

Espectáculo continuo desde  
as 22 horas

Nos dias festivos, «matinée»  
infantil às 17 horas

Os melhores palhaços  
**IRMÃOS CAMPOS**  
e 10 atrações

Visite o «Stand» do  
**GELADO LUSO**

Especialidade de  
gelados à italiana  
Qualidade superior  
Copos e cassatas

(Frente ao cinema Vitória)  
**FEIRA POPULAR**

Beba **ÁGUA DE S. MARÇAL**  
pura, saborosa e refrescante  
considerada pelos médicos  
uma das melhores de Portugal  
«Stand» da Feira, ao lado do  
«carroussel» alto.

**VESUVIO**

O MELHOR RESTAURANTE AO AR LIVRE  
AS MAIS FINAS EMENAS  
ESPECIALIDADES DE COZINHA INTERNACIONAL



ODOS dizem que o nosso teatro está falho de elementos novos. Que as portas se fecham sistematicamente a quantos anseiam chegar pelo menos até onde os pode levar uma curta experiência ou uma rápida passagem pelo palco. Que as leis são de funil para uma arte que devia escancarar-se às pequenas e grandes vocações. E, enfim, que o Conservatório não assegura a carreira daqueles que dali saem com o diploma debaixo do braço e vão metê-lo no canto da gaveta, por inútil.

Quem se lembra, porém, da situação verdadeiramente despropositada daqueles que são filhos espíritos da arte de representar — enteados da lei, feita para os senhores do canudo diurno, mesmo que não tenham ou não queiram emprego, em detrimento daqueles que, muito embora possuindo cultura artística, vêem os caminhos barrados, só porque a lei os não observa à base dos textos?

Queremos aqui referir-nos ao curso nocturno do Conservatório e, dentro deste, a uma rapariga que, dentro de poucos dias vai prestar provas publicas como actriz. Essa rapariga chama-se Dulce de Oliveira, é jovem — e, ao mesmo tempo, veterana do Conservatório...

De facto, Dulce de Oliveira, que frequenta há mais de dez anos o curso nocturno da arte de representar — foi, durante muitos anos, aluna de Araújo Pereira — é, como muitas outras raparigas e rapazes, vítima das circunstâncias criadas pela lei. Quere dizer: o aluno que não frequenta o curso diurno e que quiser ingressar no Teatro, terá de sofrer todas as vicissitudes, delongas, esperas e contratempos. E, isto, simplesmente, porque o curso não dá médias, não promove exames nem concede diplomas.

Por que existe essa lei? Para que existe, afinal, esses cursos iniciais? Para que frequentam os rapazes e as raparigas esses cursos?

— É um grande amor pela arte de representar que nos impele — murmura docemente Dulce de Oliveira.

E continua, de olhar vago, uma expressão de tristeza no rosto:  
— Sempre se espera uma «chance». Depois, aqueles que frequentam o curso nocturno são ra-

pazes e raparigas que, por qualquer circunstância, estão impossibilitados de ir às aulas de dia... Ou são empregados ou têm afazeres em casa ou não têm quem os acompanhe...

E outra vez sorri:  
— Sabe, em minha casa sempre se opuseram a que eu fosse actriz. E, no entanto, parecia que não me faltava vocação. Pelo menos, se isso podia ser um indicio de vocação, diz-lhe-ei que «dirigear aos teatros», com as minhas amigas, era o passo tempo preferido...

Dulce de Oliveira tem uma presença inusitante, afetuosa, possui uma voz musical que entra no coração, sem nos ferir com agudos nem parecer voz de gatinha ronroneira... Sente-se que estamos em presença de um temperamento dramático, e Dulce de Oliveira não nos desmente:

— Sim, sim, a comédia dramática é o género que mais me interessa.  
Nós atentamos melhor e preguntamos:  
— Já se apresentou num drama?

— Foi, numa audição de alunos do Conservatório quando se celebrou o cinquentenário da morte de Garrett, algumas cenas do «Frei Luis de Sousa». A morte de Maria de Noronha, lembra-se? De facto, lembramo-nos. E apreciámos o temperamento dramático, tão perto e comparável do feixeizinho de nervos da Lalande, desta pequena que será uma futura grande actriz, assim lho vaticinamos.

Dulce de Oliveira vai estreiar-se, como profissional, no próximo dia 4, na Companhia do Avenida. Leva para lá essa grande artista que é Brunilde Júdice e o actor Alves da Costa que, em boa hora, vemos regressar ao convívio de um palco lisboeta. (Triste terra a nossa, onde os verdadeiros talentos andam a férias no Inverno!...)

Dulce de Oliveira, com a sua modestade, vai lançar-se numa carreira nova, depois de ter passado por alguns microfones, palcos de amadores, pela escola do Conservatório (e ela é ainda aluna do curso nocturno, porque já não tem idade para se matricular no curso diurno).

Duqamo-la:  
— Mas estou a trabalhar no sentido de obter autorização do sr. ministro para prestar provas de exame como, digamos, aluna externa. Sem o diploma não posso ser contratada como artista. Agora, portanto, figurarei como discípula. Se outra coisa não me convencer, trabalharei no sentido de obter o fim da temporada, a minha carteira de profissional, visto ter já trabalhado como discípula.

VAMOS TER  
UMA NOVA  
ACTRIZ

CHAMA-SE:

# DULCE DE OLIVEIRA

## E VAI ESTREAR-SE AO LADO DE BRUNILDE

Preguntamos:

— No dia em que for uma artista feita, com nome e experiência, que peças representará?

— Talvez «Casa de Bonecas», de Ibsen, a «Ida das Camélias», de Dumas...

— Por que não se matricou no curso diurno? — Por esta colinha simples e infantil: em casa não podiam acompanhar-me às aulas... Depois, casei. As complicações aumentaram, como deve compreender. Mas tenho a compreensão de meu marido para facilitar os meus sonhos de teatro...

— Portanto, o casamento não é incompatível com o palco...

— Por que havia de ser? É uma profissão como qualquer outra. Mesmo no nosso teatro, temos exemplos de lares harmoniosos e felizes... — A sua voz já foi aproveitada para o microfone.

— Trabalho, regularmente, no Clube Radifónico. Digo versos, interpreto pequenas peças...

— Sim, no D. Maria... A crítica foi simpática e ajudou-me.

— Como aluna de Araújo Pereira esteve ligada ao seu agrupamento de amadores?

— Pois estive. Chegámos a representar peças de certa responsabilidade em palcos de amadores. Depois, com a morte do mestre, que era um amigo de todos os alunos, o grupo dispersou-se, não obstante as tentativas da viúva para o evitar... Hoje, porém, parece-me impossível voltar a animar essa chama de arte. Cada um tem a sua vida...

— Mas, ande, diga que também já trabalhou em palcos com uma companhia e que não vai, afinal, estreiar-se só agora...

— Sim, a do Joaquim Miranda, mas só pelos arredores. Num palco de profissionais, integrada num agrupamento artístico, é agora a primeira vez que trabalho. E nem faz idêa do gosto que ponho nesta apresentação, ao lado de D. Brunilde Júdice e do sr. Alves da Costa...

— Irá continuar, depois desta pequena temporada?

— Se a crítica me elogiar, se o público almpatizar comigo e, principalmente, se eu for capaz de dominar o papel, que é o segundo da peça, atáas sem dificuldades de maior...

— Comédia?

— Alta comédia. Gosto também. Ou, pelo menos, adapto-me. Mesmo, eu não quero cristalizar, como costuma dizer-se. Se tiver fôlego, farei com Brunilde e como Lucília, trabalharei no drama e na comédia...

— Está com medo?

— Sinto-me dominada pela própria responsabilidade.

— Vai ser independente?

— Vou ouvir os conselhos de todos, para criar a minha independência. Desde os vestidos às caracterizações...

— Adeus, Dulce de Oliveira, até à noite de 4... — Até lá!

E Dulce de Oliveira some-se, modestamente, como a querer dizer: seu não estou aqui — através dos raios de luz doirada do Chiado.

Termino a entrevista: vai subir o pano para «Se me amas, obedeca» — peça em que vamos ter mais uma nova actriz.

ASSEGURA O FUTURO  
DOS FILHOS, O SEGURO

EDUCAÇÃO DA  
IMPERÍO

COMPANHIA DE SEGUROS  
SUA GARANTIA  
LIBRE



# Espiões de guerra

(Continuação da página 17)

vermelho. Para completar a *follette*, acrescentei-lhe alguns cravos brancos, unindo, assim, as cores da bandeira alemã.

Depois das apresentações, o comandante do submarino, belo oficial de marinha, vestido à paisana, com os seus trinta anos e um olhar doce cumprimentou-me por causa da minha *follette*, felicitando-me pelo bom gosto e declarando-me que eram aquelas as únicas cores que ele amava.

— Gosto dos marinheiros — respondeu — e sei, pelo barão von Krohn quanto valem os marinheiros alemães.

— Frago este vestido em sua honra.

— Sie sind Deutsche? — perguntou-me: isto é V. V. alemã?

— É um gesto queparecia trai-me. Depressa, porém, me tornei por um olhar que parecia exprimir a minha ignorância. E foi então o barão me explicou-me que eu nem sequer sabia alemão.

Assisti, então, a uma reviravolta naquele homem — aliás contravolta, contraditória, no espírito deste homem. Prestava ainda maior atenção ao meu físico, porque eu era francesa, achando, sem dúvida, que eu era ainda mais elegante, mas, ao mesmo tempo, sentiu que eu não aprovara que eu traísse o meu país.

A mesa, comemos com apetite e, com a ajuda dos vinhos os assuntos tornavam-se mais familiares. As confidências entre os dois homens eram agora mais precisas. Compreendi, assim, que von Krohn acabava de receber instruções de Berlim para um novo plano de propaganda: fazer editar prospectos e listas clandestinas de seus agentes secretos residentes em França, deviam distribuir nas trincheiras aliadas.

E, então, confidenciar por confidência, o comandante indicou ao barão que o seu submarino, prisioneiro nas águas espanholas, se devia, esperando, apenas, algumas instruções suplementares.

— Ordeno de visitar o submarino na noite do dia seguinte ao meu dade. Ao barão, como já o comandante, não desejava satisfazer o capricho de uma mulher.

E, no dia seguinte, já a canção do barão, o comandante preveniu-me: — Vamos tomar uma canção do outro lado do ponto de navegação até ao submarino sem ser vistos.

De facto, do outro lado da enseada, esperávamos-nos um pescador com o seu barco.

— Hei-lhe em dar-te este prazer, Morz, tu tens trabalhado a favor da Alemanha e há-de ver de perto que a Alemanha é capaz de fazer. Sobretudo, guarda segredo desta visita... Não fales em francês, por causa da tripulação. Se tiveres alguma coisa para dizer, dizes em espanhol.

O comandante, à paisana, esperávamos sobre a ponte. Fez-nos as honras do barco.

O US-2 media cerca de 35 metros de comprimento. As máquinas, os moto-

ros, tudo estava muito pulido, cheio de provisões, com a tripulação a postos. Tudo isto não indicava resignação ao cativo.

O barão, que tinha a patente de capitão de corveta, mostrou-nos, não sem orgulho, a maneira como o submarino era inteligentemente accionado.

— Aqui — dizia — são os compartimentos estanques, onde se enfileiram os torpedos (nessa altura estavam vazios).

— E diz-me, Hans — perguntou eu em espanhol — como é possível um submarino navegar debaixo de água? Ele explicou-me tudo, mas o curso foi interrompido pela chegada do comandante, que vinha prevenindo-nos de que estava pronto o barco para o regresso.

— Os homens, cerca de uma quinzena, trajando de grande uniforme, faziam a guarda de honra, por causa da presença do alido naval.

O comandante do submarino e o barão trocavam as suas impressões.

— Não voltos a vê-lo — dizia von Krohn, em alemão. — Agi com cautela. Se, à última hora, precisar de alguma coisa, telefoname.

—...Esteja descansado, nada será esquecido e responderá o comandante. É impossível referir-se a evasio. Estaria muito perto? Treinava-se de novo?

O barão von Krohn tinha-se nos adaptado alguns passos. O comandante explicava-me a maneira de empregar o megafone. Ao lado deste funil de latão, havia uma grande inscrição em alemão: *Geit traft England*.

Continuando a mostrar a minha ignorância do idioma, perguntei: — Que quer dizer?

O comandante sorriu sem me responder. Tomou-me docemente a mão e apertou-a. Correspondi à sua pressão. Sorrimos.

— Para a semana, estarei s3 em Madrid...

Ele murmurou: — Impossível... Mais tarde, se Deus quiser...

— Já recolheu os ombros e o seu olhar, vi uma sombra de tristeza.

\* \* \*

Foi assim que a espiã Marta Richer enviava aos seus chefes de Paris uma mensagem de importante informação: próxima fuga do submarino alemão.

E alguns dias mais tarde, ao largo do Canal, uma corpedeira transe que esperava o «UC-25» metia no fundo do mar o submarino com um jovem comandante que tivera a imprudência de corresponder ao sorriso da serala.

A seguir:

EMMA STUBART, A MULHER QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO

Preço avulso: 11800

## UMA GOTA DE HERPETOL

e o desejo de coçar passou, a irritação é dominada, a pele refresca-se e o alívio começa

## «HERPETOL»

É um medicamento rápido e certo para todos os casos de ECZEMA (domoio ou sacro, crônicas, irritadas, orçadas, ortoc), psora, pitia, etc. É vendido em frascos de vidro.

À venda em todas as farmácias e drograrias



branca é um sinal de sensibilidade que se encontra nos povos do norte.

Temos ainda a «Madison Square», onde começa a avenida do mesmo nome. E há a 5.ª Avenida da como universidade. Muitas vezes os americanos deploram a ênfase construída desta avenida que é considerada, no tempo da guerra, como o esplêndido símbolo dos sucessos dos seus senhores do negócio e da indústria. E talvez não seja assim, porque esta avenida, tal como era outrora, não nos pareceu tão digna de provocar uma adoração sem reserva, como agora.

Subir a 5.ª Avenida, ver passar os automóveis elegantes misturados com outros mais demodóricos, passar por largas ruas entre estas casas imponentes, é tomar contacto com Nova-York no seu aspecto mais característico.

Entre os principais edifícios da cidade, criador de dois livros. A democracia era, para ele, o regime da liberdade e da igualdade sem reservas.

Numa época mais recente, apareceram romancistas como Mrs. Edith Wharton, cujos romances de costumes e análise psicológica foram quasi todos traduzidos em francês; Dreiser, crítico da sociedade nos seus romances de análise social; e Edgar Poe que nos dá as suas novelas fantásticas, os seus versos onde o amor se dá uma morte muito curiosa de abstracção.

O meio do século vê surgir Walt Whitman, o poeta do ideal democrático, criador de dois livros. A democracia era, para ele, o regime da liberdade e da igualdade sem reservas.

Numa época mais recente, apareceram romancistas como Mrs. Edith Wharton, cujos romances de costumes e análise psicológica foram quasi todos traduzidos em francês; Dreiser, crítico da sociedade nos seus romances de análise social; e Edgar Poe que nos dá as suas novelas fantásticas, os seus versos onde o amor se dá uma morte muito curiosa de abstracção.

Nova-York tornou-se, no século XX, o lar por excelência das novidades literárias.

Se Nova-York, durante o dia, é uma cidade que despara, durante a noite, é simplesmente fantástica. No «Times Square» os reclames luminosos espalham-se numa verdadeira orgia de luzes. A atenção do público é tão emocionada, que se esquece que se devem sempre coisas cada vez mais maravilhosas, inventar novidades cada vez mais extraordinárias.

E assim Nova-York durante a noite: uma orgia de luzes que tornam a cidade tão brilhante como uma cidade esplandesciente sob duma tarde de Verão. Enfim, de Nova-York já conhecemos alguma coisa. Não é para nós uma cidade envolta em penumbras, uma cidade desconhecida de que não falávamos com uma tal admiração nos dias da nossa juventude.

Visitámos já os seus palácios, museus, jardins, parques etc., travando relações com os seus habitantes. Não nos esqueceremos do carácter americano.

— A cidade americana é essencialmente social. As relações são fáceis, as reuniões frequentes e as associações são muito numerosas. A vida é moral, intelectual e cívico é um encanto e uma força. E preciso criar entre os povos do mundo uma comunidade de sentido de uma vida em comum. Daqui a criação dos clubes que tanto facilitam a vida social.

Muitos destes clubes destinam-se a operários. Os paisões reconhecem as obrigações para com os trabalhadores. O pai esforça-se para dar a sua classe operária segundo os seus meios de vida. Assim se reúnem os operários com as famílias, para as festas, conferências, reuniões dum carácter cívico e patriótico.

(Continuação da página 19)

o povo provara destracções conforme a sua posição social.

Também Nova-York é importante centro de cultura literária. Conheceu um primeiro e brilhante período de produção nos últimos anos do século XIX. Cooper Washington Irving publicou os seus ensaios, romances, contos e contos. Cooper ofereceu as aventuras de Basde-Cuir entre os índios e os romances de costumes. Aventureiros, contos e contos de Edgar Poe que nos dá as suas novelas fantásticas, os seus versos onde o amor se dá uma morte muito curiosa de abstracção.

O meio do século vê surgir Walt Whitman, o poeta do ideal democrático, criador de dois livros. A democracia era, para ele, o regime da liberdade e da igualdade sem reservas.

Numa época mais recente, apareceram romancistas como Mrs. Edith Wharton, cujos romances de costumes e análise psicológica foram quasi todos traduzidos em francês; Dreiser, crítico da sociedade nos seus romances de análise social; e Edgar Poe que nos dá as suas novelas fantásticas, os seus versos onde o amor se dá uma morte muito curiosa de abstracção.

Nova-York tornou-se, no século XX, o lar por excelência das novidades literárias.

Se Nova-York, durante o dia, é uma cidade que despara, durante a noite, é simplesmente fantástica. No «Times Square» os reclames luminosos espalham-se numa verdadeira orgia de luzes. A atenção do público é tão emocionada, que se esquece que se devem sempre coisas cada vez mais maravilhosas, inventar novidades cada vez mais extraordinárias.

E assim Nova-York durante a noite: uma orgia de luzes que tornam a cidade tão brilhante como uma cidade esplandesciente sob duma tarde de Verão. Enfim, de Nova-York já conhecemos alguma coisa. Não é para nós uma cidade envolta em penumbras, uma cidade desconhecida de que não falávamos com uma tal admiração nos dias da nossa juventude.

Visitámos já os seus palácios, museus, jardins, parques etc., travando relações com os seus habitantes. Não nos esqueceremos do carácter americano.

— A cidade americana é essencialmente social. As relações são fáceis, as reuniões frequentes e as associações são muito numerosas. A vida é moral, intelectual e cívico é um encanto e uma força. E preciso criar entre os povos do mundo uma comunidade de sentido de uma vida em comum. Daqui a criação dos clubes que tanto facilitam a vida social.

Muitos destes clubes destinam-se a operários. Os paisões reconhecem as obrigações para com os trabalhadores. O pai esforça-se para dar a sua classe operária segundo os seus meios de vida. Assim se reúnem os operários com as famílias, para as festas, conferências, reuniões dum carácter cívico e patriótico.

HORTENSE DE ANDRADE

A CAMINHO DE FILADELPHIA; WASHINGTON, O PAÍS DAS «CONSTITUCIÃO»; A FAMÍLIA E O LAR; O REGIME DA CIDADE DE SÉVILIA.

Poderá também dizer-nos quantas emissoras há em Espanha e qual o número de receções que recebem.

— Posso afirmar que o povo espanhol entrou muito bem na Rádio... Existem umas quantas emissoras particulares de escassa força, mas o melhor rádio possui-o este país, o mais potente... Espanha de Franco em menos de um ano inaugurou duas emissoras, uma em média e outra de onda curta, que podem equiparar-se às melhores da Europa. Estas duas emissoras são as mais populosas captivas espanholas são as mais ouvintes. Sobre o número das receções pouco se sabe, mas ultrapassa bastante um milhão.

E nada mais, Don Roman Escobedo tem nos ouvintes portugueses de Portugal e de todo o mundo; muito e muito obrigado.

Se o nosso prezado leitor ainda se encontra de férias, não se esqueça, imaginariamente na sua sala de estar, tendo ao colo o seu bichano ou outro qualquer animal doméstico, não lhe custará imaginar também aquele som lamentoso e oriental que uma canção de época cantada de um disco metálico e ludo: DON GONZÁLEZ.

LEON DE QUADROS

I — ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.  
 II — A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL.  
 III — EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV —  
 ARMAS SECRETAS. V — TINTA SIMPA-  
 TICA. VI — MULLER, O DANDY ROWLAND,  
 ESPIAO POR AMOR. VII — UM ALPINEIRO  
 FOZE PERDER UM HOMEM. VIII — SÉLOS  
 E PEQUENOS ANUNCIOS. IX — A MÓSICA  
 E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONA-  
 GEM. X — A BENGALA DE MR. ARCH-  
 BALD. XI — O ESPIAO CARREIRO DE  
 NANTES E O HOMEM DE PARIS. XII — AS  
 SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOS-  
 TAVA DE OVOS. XIII — HISTORIA DA  
 BELA LIZIE WERTHEIM. XIV — O DUPLIO  
 ESPIAO. XV — MARTA RICHER, A SEREIA  
 FRANCESA. XVI — EMA STUBERT, A Q  
 QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVII —  
 MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES.  
 XVIII — FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA  
 DE ESPIONAGEM.

# DE ESPIONAGEM

## MARTA RICHER,

### A SEREIA FRANCESA

POR

## PIERRE GUILLAUME

## UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



Todas as informações são transmitidas, hoje, pelo televisor aos diversos departamentos da marinha, que assim encontram o caminho e as posições que os barcos devem seguir.

**T**IVEMOS já ocasião de evocar o nome de Marta Richer, que, nos annos da dupla espionagem, é a mais admirada e, ao mesmo tempo, a mais discutida das figuras. De um lado a Cruz da Legião de Honra, pregada sobre a blusa, pelo Governo francês; por outro lado, uma onda de protestos e críticas, sob pretexto de que tais distincções devem reservar-se a pessoas cujo *modus vivendi* não implica com compromissos morais inerentes à carreira do duplo espião e, menos ainda, ao de uma «sereira».

Seja como for, parecemos que a carreira de Marta Richer é bastante original e aventureira para merecer as honras de uma crónica. Determos-emos diante de um episódio da vida da célebre espiã — aquêle que ficou conhecido pelo «caso do UC52» — e que nos parece mais expressivo que nenhum outro, não só porque ilustra perfeitamente o processo de trabalho do duplo espião, mas, ainda, porque exprime a astúcia especial que require este género de missões e, bem assim, as intrigas que lhes andam ligadas.

Estamos no principio de 1916. A espiã francesa vai instalar-se no território neutro de Espanha onde, sob a compostura de uma jovem viúva ociosa e indifferente aos mais elementares sentimentos patrióticos, entrara em contacto com o barão Hans von Krohn, adido naval alemão estabelecido em Madrid. Sem dúbida, Marta Richer não ignorava que o barão alitava às suas funções officiaes outras funções que podiam considerá-lo chefe de espionagem inimiga. Desempenhando, a seu lado, o papel de amorosa que nada tem a recusar ao herói da sua pátria, introduziu-se na sua intimidade e ganhou tão bem a sua confiança, que von Krohn a transformava, pouco depois, em seu agente.

As missões confiadas a Marta Richer pelo seu

apalxonado e amigo foram múltiplas — missões que ella fazia por desempenhar com excessivo zelo. E foi assim que, por mais de uma vez, a enviaram a Paris, com o fim de allí obter certas informações. Essas informações levava-as, com effeito, depois de ter recolhido dos seus chefes francezes — o capitão Ladome, dista ella, redigida as respostas tanto quanto possível exactas, se não eram de grande importância, para os questionários elaborados pelo barão von Krohn — sem, todavia, deixar de entregar pequenos relatórios a essas mesmos chefes francezes, desta vez, é claro, perfeitamente em ordem e autênticos, obtidos na roda do alemão.

Uma vez, quando regressava, de barco, de Buenos-Aires, onde fóra entregar determinado documento a um agente alemão do correlo confidencial — que um pretenco criado de bordo, surgindo pelo postigo da cabina, tinha tornado hegel — encontrou-se, ao desembarcar, com o barão von Krohn, que a fóra encontrar em Cadiz desanimada porque, durante a viagem, por «inadvertência», Marta Richer deixara morrer de fome alguns exemplares de certas espécies de insectos.

A presença do amigo no cais podia parecer prova de atenção pela sua pessoa. No entanto, fóra apenas uma coincidência, porque o adido naval fóra chamado a esse pórtico, por causa da chegada de um submarino alemão que acabava de ser internado.

A forma como a espiã soube tomar partido dos factos e actuar no caso que ficaria conhecido com o nome de «l'affaire du UC52», é contada por ella própria no seu livro de memórias e que nós vamos entrebair para o leitor.

«Na tagarelle que enctámos — diz ella — o barão, que na alegria de me reencontrar se fizera expansivo, deixou-me adivinhar que a sua presença em Cadiz era requerida pela chegada de um submarino internado no pórtico e que elle devia visitar no dia seguinte. Fiz um trejeito e disse-lhe com ironia:

— Obrigada, Hans! Julgava que tinhas vindo ao meu encontro, pelo prazer de me rever mais depressa!

Elle tentou explicações que eu acolhi com a má vontade de uma mulher traída. De súbito, parecia que eu fóra inspirado ou que tivera um capricho: — «Está bem! — gritei então — uma vez que teño o cádmio desse submarino, tens de me levar contigo a visitá-lo, à maneira de compensação. Imagina que nunca vi um submarino!

Hans teve um pequeno sobressalto: — Não, bem vêes, é impossível... —

— Ora — insisti eu — se o submarino está internado, que importância tem isso?

Elle reflectiu um segundo, e visto que tinha de reparar o seu erro e provar que estava satisfeito por me ver, disse-me: — Hei-de apresentar-te esta noite ao comandante... —

E pusemo-nos a caminho do hotel.

— Dize-me, Hans, quem é o chefe de um submarino internado nas águas neutras de um pórtico espanhol?

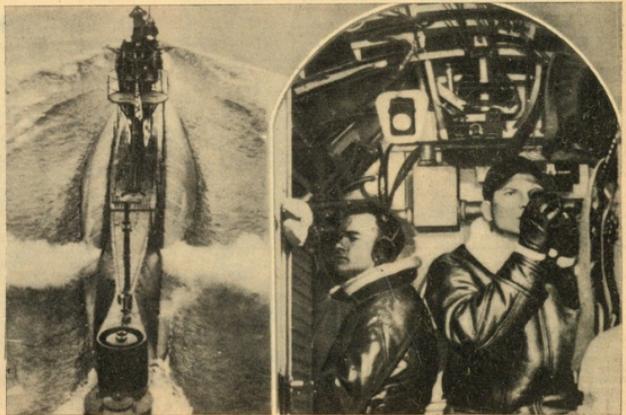
— Dentro do barco, o comandante é o seu chefe. Mas, no caso presente, não pode mudar de lugar, sem licença do ministro da Marinha do país neutro. E como eu sou o adido naval no pais em questão, fico sendo, em Espanha, o chefe desse comandante.

— Então, não compreendo?... Por que hesitas em dar-me esse prazer?

Habitado como estava aos meus caprichos, Hans não podia desconfiar. Tínhamos chegado ao hotel e elle aconselhou-me: — Prepara-te, porque vamos encontrar o comandante no restaurante.

No meu quarto, arranjei-me cuidadosamente, vestindo um vestido de tule negro, com um cinta

O submarino, ontem como hoje, desempenha um papel importante na guerra da espionagem. Nesta guerra, principalmente, devido á formação dos «combóios marítimos», a sua acção foi notável.





# "AQUI, RÁDIO NACIONAL DE ESPANHA!"

## —Tenho o prazer de lhes apresentar hoje DON ROMAN ESCOCHOTADO, Chefe de Produção da Rádio Nacional de Espanha



Roman Escochotado, chefe da Produção de Rádio Nacional de Espanha

IMAGINE-SE o leitor comodamente sentado na sua cadeira predilecta da casa de estar tendo ao colo o seu ronronante bichano ou outro qualquer animal doméstico... ouvindo os sons alacres de um *passo-doble castiço* ou as suavidades sonoras a lembrarem odaliscas meigas e serrilhos mornos da música Ravel, Falla ou Albéniz; seguramente que o vosso aparelho está captando a Rádio Nacional de Espanha! E imagine ainda o prezado leitor que uma antipática voz masculina lhe diz assim em autêntico português: «Caros ouvintes portugueses de Portugal e de todo o mundo, temos hoje o grande prazer de ter aqui, diante do nosso microfone o escritor e jornalista Don Ramon Escochotado, chefe de produção desta Emissora, que amavelmente accedeu ao nosso convite de vir dizer-nos o que pensa sobre a Rádio espanhola e estrangeira...» Don Roman Escochotado é uma das mais brilhantes figuras da moderna intelectualidade espanhola que apesar dos seus trinta e poucos anos conta já no seu activo jornalístico vários prémios nacionais, entre os quais o de «Mariano de Cavia, 1944», que recentemente lhe foi concedido, e... além do mais, caros ouvintes portugueses, Don Roman Escochotado é um sincero amigo de Portugal e das suas gentes, como o prova o grande número de trabalhos seus publicados na imprensa desta boa Espanha. Mas ouçamos Don Roman Escochotado:

— Poderá contar-nos como nasceu a Rádio Nacional de Espanha e qual o papel desempenhado pela Rádio durante a guerra civil?

— Sim. A Rádio Nacional de Espa-



O locutor português — é ele mesmo, o autor desta reportagem

nha nasceu em plena guerra de libertação, como necessidade de combater com umf arma mais, as do inimigo. Rádio Nacional foi inaugurada em Salamanca no dia 19 de Janeiro de 1937, e firme e forte como clarim do comunicado oficial diário fez calar com as suas notícias das vitórias a voz indecisa dos svermelhos vendidos a poderes internacionais...

— E diga-nos, Don Roman Escochotado, acha que o jornalismo-rádifónico virá a destronar a Imprensa em todos os seus aspectos: informativo, formativo e publicitário, ou, pelo contrário, a imprensa e a Rádio poderão caminhar juntas?

— Não vejo nenhuma incompatibilidade entre a imprensa e a Rádio. Creio que são duas coisas totalmente distintas e que os jornais têm o seu peculiar meio de expressão no papel... Dêste modo não se podem olhar como inimigos, senão que se devem auxiliar mutuamente numa cordial colaboração. E mais ainda,

considero que a Rádio, uma vez dirigida com inteligência, pode coadjuvar com as suas notícias sintéticas a difusão da Imprensa que ampliará e detalhará as mesmas notícias.

— E que diferenças fundamentais encontra entre a Rádio americana e a Rádio europeia? Acha bem os programas americanos feitos à base de publicidade comercial?

— Vamos por partes... Nesta questão há que distinguir entre os fins públicos e os fins particulares. Quando as emissoras são de propriedade particular é lógico que busquem fontes de receita para atender aos enormes gastos de uma estação de rádio. Porém, quando as emissoras são do Estado, penso que o espírito mercantil deve ser totalmente proscriito. O Estado pode dar-se por bem compensado, sem necessidade de acudir à publicidade, pela eficiência educativa e divulgadora da radiodifusão. E considero ainda que dada a importância da Rádio, os Estados procurarão sempre inter-

vir nela e dominá-la em benefício da colectividade.

— Muito bem... E na concepção dos programas da Rádio Nacional de Espanha, tem sempre em mira a educação artística do povo espanhol ou transige algumas vezes indo ao encontro do gôsto popular?...

— Eu lhe digo: A programação da «Rádio Nacional» tem sempre a conjugar o gôsto popular com a alta estética. Nunca pode esquecer-se que a Rádio é um invento para multidões. Educar as massas e fazer subir o seu nível cultural têm que ser os principais fins da radiodifusão.

— Absolutamente de acôrdo... E que pensa das rádio-reportagens que os norte-americanos puseram tanto em moda? «Rádio Nacional» conta no seu activo muitas reportagens desta natureza? Poderá dizer-nos qual foi até hoje a mais sensacional?...

— As rádio-reportagens parecem-me um bom achedo para recrear o espirito dos ouvintes. Uma literatura especial de verso e sons tem posto em moda isto das rádio-reportagens... «Rádio Nacional» não podia mostrar-se alheia a esta tendência tão ao gôsto do público. Podemos assinalar, como a mais sensacional, a dedicada este ano a Cervantes, o grande génio da nossa literatura.

— E diga-nos, que tal acha a Rádio portuguesa?

— Acho que a Rádio portuguesa com as suas excelentes emissoras e uma multíssimo potente recentemente inaugurada, tem conseguido um notável progresso e adquirido uma importância extraordinária. Portugal, tal qual como a Espanha, ligado pela sua história e pelo seu idioma a nações longínquas que o escutam e admiram, não pode, por isso mesmo, como a minha Pátria, descuidar o seu contacto com os irmãos da outra margem do Atlântico.

— E, a propósito, é ou não projectado de uma forte intercâmbio rádifónico luso-espanhol? Tem em mente algum projecto de intercâmbio? E já agora poderá dizer-nos se, durante a sua última estada em Madrid, o sr. António Ferro encetou quaisquer conversações sobre este assunto?...

— Sou ferveroso partidário do

(Continua na pág. 16)



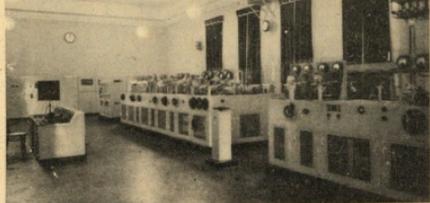
Frederico Amar, chefe das emissões, com os locutores estrangeiros da estação



Esta casa, de aspecto tão acolhedor, é a sede de Rádio Nacional de Espanha, em Argentina



O vestíbulo, como se vê, é também convidativo e reflecte acentuados propósitos de arte



A sala de aparelhagem está excelentemente montada, para que a voz de Espanha chegue a todo o mundo

acabava as refeições, tomava geralmente uma chávena de chá ou de leite quente.

«Frequentemente, dizia: *Preciso de conversar com Madame Braun*. Então, alguém a chamá-la e ela levantava-se para lhe fazer companhia. Outras vezes, esperava que ele acabasse os seus trabalhos e só depois se recolhiam os dois.

Hitler aconselhava-a, constantemente, a ser conservadora e modesta na escolha dos vestidos e na maneira como se apresentava em público.

«Ele não a autorizava a pôr abafos», coisa de que não gostava nada», declarou Fran Kannenberg. Porém, quando estava sozinho no quarto, Eva pintava as unhas, com frequência, de vermelho vivo.

Hitler Braun fumava por vício quase continuamente, quando estava só nos seus aposentos, embora Hitler a tivesse proibido de fumar quando andasse pelas outras salas da casa. Além disso, gostava de bebidas alcoólicas.

«Sim—confessou Herr Kannenberg—ela bebia habitualmente, todas as noites, algumas taças de champagne, antes de se deitar, para ajudar a adormecer.

«Não era de modo algum uma pessoa viciada em bebidas alcoólicas; mas, os seus gostos, sob esse aspecto, eram totalmente diferentes dos do Fuehrer, que nunca bebia.

Eva Braun também não partilhava os hábitos vegetarianos do seu companheiro, e gostava de todas as espécies de carnes e comidas bem apaladadas.

Porém, as sensacionais revelações sobre a vida de Hitler não ficaram por aqui, como, aliás, provavelmente não ficaria depois de reproduzirmos o que temos no «Daily Express» quinze dias após a publicação desta primeira entrevista.

Na verdade, a 11 de Junho, E. D. Masterman, correspondente em Estocolmo do referido periódico, telegrafava para o seu jornal, a comunicar:

«Os oficiais russos, britânicos e americanos procuram activamente um rapaz de cinco anos e uma garota de quatro, que, segundo se diz, são filhos de Hitler e de Eva Braun.

«A história do casamento de Adolfo Hitler com Eva Braun, durante os últimos dias da resistência alemã, o qual teria sido realizado para legitimar a situação dos seus filhos, foi-me contada por um dos poucos homens que se manteve em contacto com o abrigo subterrâneo do Fuehrer durante o cerco de Berlim.

«O meu informador é Erick Weessen, um dos antigos oficiais de ligação sueca em Berlim, que regressou há dias a Estocolmo.

«Declarou-me que o casamento de Hitler foi vivamente discutido entre este e alguns dos mais proeminentes chefes alemães.

«*Alguns desses membros predominantes do Partido anunciaram-me que os filhos de Hitler estavam a viver com os parentes afastados de Eva Braun, alguns no sul da Baviera—disse Weessen. «Quis-se que, quando Hitler saiu de Berlim, subitamente, a 8 ou a 9 de Abril, foi não só buscar Eva para junto de si, mas também despedir-se pela última vez dos filhos e, providentemente, conduziu-os para local mais seguro.*

«*Hitler esteve três dias na Baviera, numa ocasião em que a sua presença era mais necessária em Berlim.*

«Quando o Fuehrer saiu da capital, começaram a circular muitos boatos. Alguns dos seus partidários chegaram a convencer-se que ele estava a fazer todos os possíveis para se safar de qualquer maneira.

«Outros disseram que ele tinha abandonado Berlim para preparar a derradeira resistência do Reduto Bavaro.

«No entanto, parece estar agora provado que ele foi a Munique buscar Eva Braun depois de informar os seus amigos intimos, entre eles Martin Borman, da sua intenção de casar com ela.

Hitler e Eva Braun regressaram a Berlim dias depois e, a partir de então, até à queda de Berlim, ela não tentou sair do abrigo do Fuehrer, segundo as informações do diplomata sueco.

Outro sueco, Helge Klintbom, representante dumha Companhia aérea sueca, que saiu da Alemanha ao mesmo tempo que Weessen, após ter passado várias semanas nos subterrâneos da legação sueca, relata que dez dias antes da tomada de Berlim, os alemães construíam um pequeno aeródromo no centro da cidade.

Este campo de aviação feito à pressa ficava próximo da Brandenburger Tor. Todos os candidatos ao longo da larga avenida, chamada do Eixo Oriental-Central, foram retirados para permitir que os aviões levantassem vôo. E sabe-se que, pouco antes de Berlim se render, os nazis trouxeram para este aeródromo dois ou três pequenos aviões americanos, que foram reparados cuidadosamente...

Hitler, num magnifico contra-tus

A perseguição movida pelas autoridades militares anglo-americanas as personalidades mais destacadas do mundo nazi tem sido realizada num ambiente de curiosas surpresas e revelações. Por este motivo, temos acompanhado os acontecimentos através da Imprensa estrangeira no intuito de poder proporcionar aos nossos leitores alguns segredos intimos daqueles que foram os senhores todos poderosos da Europa durante o período 42 do nacional-socialismo.

Com efeito, a nossa esperança não foi iludida. Há dias, ao desdobrarmos a primeira página do diário londrino «Daily Herald» deparámo-nos com um pormenorizado artigo de Marguerite Higgins em que esta correspondente relata, segundo uma entrevista com Arthur Kannenberg, o mordomo de Hitler e seu marido, a governanta de Berchtesgaden, alguns episódios da vida íntima do ex-chefe do Reich.

Eis algumas passagens da entrevista de Marguerite Higgins:

«Hitler amava Madame Braun, declarou-me Kannenberg, com a paixão dum homem a caminhar para a velhice, e que procurava em alguém mais jovem, a mulher que começara a perder.

#### A MINHA PEQUENINA EVI

«Madame Braun era 15 a 20 anos mais nova do que Hitler. Este, por seu lado, era-lhe extremamente fiel e tratava-a sempre com grande amabilidade. Costumava falar-lhe com a maior suavidade, como se esta correspondente relata, segundo uma entrevista com o director do filho pequeno. Normalmente, tratava-a por *minha pequenina Evi*.

«Ao Kannenberg, que se refugiaram nas montanhas com os seus dois S.S., afirmaram que Hitler dera ordens terminantes para que o povo alemão ignorasse completamente a existência de Eva Braun.

Tal era uma das principais missões da Gestapo. E o obsequioso mordomo do chanceler alemão, ao qual prestou serviços durante mais de 15 anos, disse também que Hitler lhe tinha confessado não ter casado com Eva «porque estava ligado espiritualmente ao meu povo».

Eva Braun nunca assistia aos banquetes oficiais nem às recepções diplomáticas.

«Apenas era convidada para Jantares íntimos em que tomavam parte os nazis de categoria mais elevada, acompanhados «pelas esposas», explicou Kannenberg.

«Madame Braun — disse — era extremamente discreta, e dirigia-se sempre a Hitler, tratando-o por «Mein Fuehrer».

#### AQUELES GRANDES OLHOS AZUIS

«Era uma linda mulher, muito atraente. Tinha cabelo encaracolado e naturalmente loiro. O rosto era delicadamente modelado e tinha uma grandes olhos azuis.

«Ela também muito bonita de corpo», acrescenta a seguir, Fran Kannenberg, «e tinha umas pernas excepcionalmente elegantes».

O Fuehrer aconselhava-a com frequência a vestir-se com modestia, mas, nem sempre conseguia o seu intento. Eva gostava muito de usar sapatos de salto alto, de modelo excentrico.

Hitler entregava-lhe anualmente determinadas quantias que ela gastava na compra de grandes quantidades de vestidos e de roupas interiores.

Eva Braun, como quasi todas as mulheres, gostava de ser elegante e tinha vários casacos de pele.

Apesar da antipatia do chanceler pelos perfumes, Eva insistia em usá-los com abundância. O «Chanel n.º 5» era o seu perfume predilecto. Recebia amistosamente muitos presentes oferecidos por Hitler, principalmente no dia do seu aniversário — 6 de Fevereiro.

Ainda este ano, comprara-lhe um broche de brilhantes que custara 170.000 marcos.

Madame Braun passava a maior parte do tempo no Berzof, em Barchtesgaden; mas dispunha também de aposentos em casa do Fuehrer na Weihenstrasse, em Berlim.

Antes da guerra, Hitler tomava chá quasi todas as tardes nos aposentos de Eva, e sempre que ele podia, afirmo o mordomo, ceavam na intimidade só os dois.

«Nos últimos dias da guerra, Hitler costumava trabalhar, às vezes, até às quatro ou cinco horas da madrugada», proseguiu Kannenberg. «Quando

# EU E A MINHA PEQUENINA EVI

OS SEUS FILHOS SÃO ÚLTIMO  
"COUPE DE FOUDE" DOS CRO-  
QUISTAS DE TODO O MUNDO

• POR JOSÉ CORREIA RIBEIRO •



«Ao contrário do que seria de supor, Hitler adorava as crianças. E muitas vezes o viram com esta, que se supõe agora ser a sua filha única.

Hitler aparecia muitas vezes em publico, em festas e recepções, dando a direita às mais altas damas do III Reich. Nuncas, porém, o viram ao lado de Eva Braun, como se vê na foto, ao lado da senhora Ribbentrop.



# DETECTIVE

O MAGAZINE POLICIAL QUE TODA A GENTE LÊ!...

O ÚNICO MAGAZINE POLICIAL  
QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL

36 PÁGINAS ILUSTRADAS ~ ESC. 2\$50

O número 4 encontra-se à venda

"Detective" é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de "Vida Mundial Ilustrada".

## Em todas as IDADES...

É necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



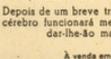
Envelhecendo a futura mãe, nasce um filho sã e robusto, a todas as enfermidades.



Cuidar a dentição e o desenvolvimento dos ossos constitui a principal medida profilática que se pode tomar para os filhos.



Na idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve impedir-se a fadiga que ocasionam os primeiros lúvras.



Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



A diminuição da alegria, a falta de apetite, a insónia, o cansaço, a falta de memória, os nervos excitados, são sinais de alarme com os quais o organismo denuncia uma perda de resistência. Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



A esposa ou futura mulher passa por um período de melancolia, ansiosa e infeliz, que devem ser combatidos com doses de Fósforo Ferrero.

Os jovens que na época de estudos fatigam o seu cérebro, fazem os homens com um pouco superior.



A família inteira terá igualmente a alegria de ver que todos os seus componentes gozam de boa saúde.



Nunca são as coisas as mais fáceis de manter e os seus nervos conservarão o vigor da juventude.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero  
à venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

# Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

composto de Mentholum 8 gra. - Methylum Salicylicum 8 gra. Lanolinum Anhydricum 16 gra.

## BAUME BENGUÉ

ANALGÉSICO  
GÔTA, REUMATISMOS  
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

## CARRINHOS PARA BEBES e cadeirinhas



**Fabrilca**  
os melhores

a pronto ou com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.ª

R. Arco da Bandeira, 78, 1.º LISBOA Telefone 2 6713 (atende-se a provincia)



## O FOGO!

EM POUCOS MINUTOS DESTROE A RIQUEZA ECONOMIZADA EM VARIAS GERAÇÕES



CONTRA ESTA CALAMIDADE ASSEGURE OS SEUS HAVERES NUMA SÓLIDA COMPANHIA

CONSULTE A

**PORTUGAL PREVIDENTE**  
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS

Sede: R. DO ALECRIM, 10 - LISBOA - Telef.: 24040  
Delegações: PORTO - COIMBRA - BRAGA - FARO

**Rainha da Hungria**  
OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

N.º CAMPOS

**RAINHA DA HUNGRIA**

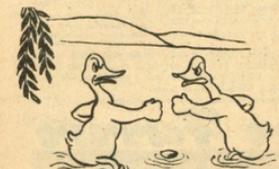
## BATALHA NAVAL



Sobre a água boiava o pão  
Lançado por amável mão.



Era um pedaço muito bonito,  
Com o defeito de ser pequenito.



Bom vizinho, passou bem?  
Venha de lá um abraço, hein?...



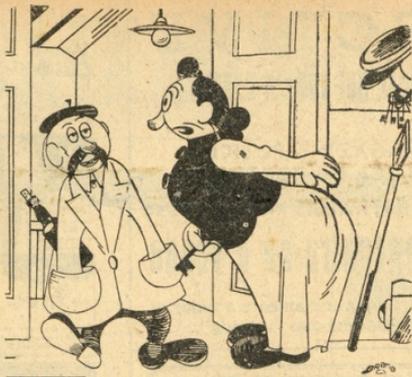
Mas o ganso vislumbra o pão  
E esfrega contente as mãos.



E, vai então, para o comer  
E já se ri de prazer...



Mas há quem a corda lhe róa  
E eis lograda a sua proa!



## A MULHER DO GUARDA- NOCTURNO

— Só agora, às 2 da  
tarde?! Pois, a quem  
vem fora de horas não  
se abre a minha porta!

— Meu Deus, já me esquecia  
de ir buscar os planos!



### CASAS DESMONTÁVEIS

— Já passou o último com-  
bóio?  
— Já...  
— Endireita o quadro.



## UMA ATITUDE LÓGICA (História muda)

